

Márcio Martelli



VIVER

um jogo perigoso



Márcio Martelli

in

VIVER

um jogo perigoso



Todos os direitos reservados à Márcio Martelli
Jundiaí, outono de 2009

Editor responsável: **Márcio Martelli**

Capa e Projeto gráfico: **Guilherme Catalano**

Revisão: **Maria Pilar de Vasconcellos**

Gerente Financeiro: **Ruth de Almeida Rodrigues**

Assistente Administrativo: **Bruna Di Giacomo**

***Proibida a reprodução total ou parcial desta
obra sem prévia autorização do autor***

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Martelli, Márcio

Viver : um jogo perigoso / Márcio Martelli. --
Jundiaí, SP : Editora In House, 2009.

ISBN 978-85-7899-025-1

1. Poesia Brasileira I. Título.

09-07628

CDD-869.91

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira 869.91

Publicado por:



Av. Dr. Sebastião Mendes Silva, 468 - Sala 2
Anhangabaú - Jundiaí/SP - CEP 13.208-090
Fone/Fax: (11) 4607-8747 / 3963-3727 / 9945-6827
www.editorainhouse.com.br • inhouse@terra.com.br

Lágrimas de felicidade

Como sempre, eu choro. Especialmente agora, que agradeço por mais um trabalho concluído.

Olho para mais este livro e me pergunto: quando foi que o escrevi? Que horas? Como foi possível, se não tenho tempo nem para mim mesmo?

E não compreendo.

Só sei que, quando vi, ele estava lá, sorrindo e me acenando, como a dizer: está na hora, vamos, publique-me!...

Então, fui ler o que tinha escrito nestes últimos meses e, não é que tinha mesmo mais um livro prontinho ali??

Fiquei feliz, mas de uma felicidade clandestina, parodiando Clarice, vivi tanto e tão intensamente e está tudo aqui registrado — nas entrelinhas — deste jogo perigoso que é viver.

Cheguei no meu escritório e disse para o Gui:

— Meu livro tá pronto, vai pensando numa capa bem legal. Disse-lhe o nome escolhido e deixei que a criatividade a mil por hora dele se incumbisse do feito. E já sabia que teria algo inusitado e muito bom.

Qual não foi a minha surpresa quando vejo a capa que ele criou. É a minha cara! Essa coisa de se jogar, de se atirar sem ter medo de se esborrachar, pois a proteção é grande...

“Viver: um jogo perigoso” — minha mais nova façanha. Tem de tudo um pouco. Encontre-se. Jogue-se. Leia sem preconceito e sem medo de se encontrar por aqui. Afinal, nestas linhas estão o que sinto e o que sinto é o mesmo que todos nós sentimos: medo, tristeza, alegria, felicidade, raiva, agonia, amor, fé, esperança...

É o que esperamos da vida, não é mesmo?

Então, viva intensamente comigo.

Acredite, é possível quando queremos.

E nós queremos, porque merecemos.

E merecemos, porque plantamos.

Viva!

Sem medo!

Apesar das curvas e perigos.

Toque a buzina. Acenda a luz.

Mas nunca deixe de viver!

Márcio Martelli

Mas quem me protege de tudo
É esse meu anjo da guarda
Quando atravesso a rua
Quando escorrego da escada
Meus inimigos ocultos
Não sabem que estou muito bem guardado
Eles que se danem, eles que se cuidem
Se botaram mau olhado!

Que Loucura, de Luiz Carlini,
gravada por Rita Lee no LP **Babilônia** (1978)

Este livro é dedicado à amizade.

Aos amigos que me fizeram viver
tão intensamente nestes últimos meses.

Obrigado, agradeço por tudo.

Foi necessário para crescer e descobrir o
verdadeiro valor de quem realmente é amigo.

Para os amigos de ontem e de sempre.

Para minha irmã Alessandra,
meu pai Elyzeu e toda a minha família.

Em nome do Pai, do Filho
e do Espírito Santo. Amém!

A sensibilidade é algo inato nos poetas. Não pode ser aprendida. Deve ser sentida. A cada hora do dia, com seus percalços e alegria, e a cada hora da noite, quando vive de lembranças queridas. A sensibilidade se aflora como dádiva Divina.

A cada gota de lágrima caída, e a cada sorriso vivido, entendemos que a vida é boa e a felicidade é louvor à própria vida.

Esse é um pequeno retrato de Márcio Martelli. Um jovem homem com a dualidade dos poetas: triste e feliz, risos e lágrimas, sensibilidade e força. Suas palavras assim o retratam em seu novo livro, “Viver – Um jogo perigoso”.

Ana Tonelli

Márcio Martelli



Sou um escritor avesso a regras e formas. Sou musical. Minha escrita é livre e libertária. Sou o que sou. Da forma mais pura e simples. Amo a vida e tudo que ela traz consigo. Tenho 4 livros autorais publicados: *Para sempre* (2006), *Muito Mais* (2007), *Sangue: literatura e outras loucuras* (2008) e *Viver: um jogo perigoso* (2009), e mais dois em parcerias: *Viagens* (2008), com Ivanira de Souza Lima Dadalt e Sônia Cintra e *Silêncio Som Emoção Palavra* (2008), com Susana Ferretti. Todos de prosa e poesia.

Também tenho um livro em parceria com minha irmã, Alessandra Pezzato (1970-2007), intitulado *Água, um olhar sobre os recursos hídricos de Cabreúva*, e *Meu pai foi ferroviário* Volume 1 e 2, com outros escritores. Fora isso participei e organizei por volta de 15 antologias e assinei vários prefácios, orelhas e apresentações de livros de escritores amigos. Sou editor de livros e revistas. Minhas grandes paixões são a música e a literatura. Meu sonho é poder levar para todos um pouco de minha arte e divulgar a boa leitura. Se eu conseguir, com minha poesia, atingir o seu coração, agradecerei a Deus, pois a minha missão foi cumprida.

A poesia livre e pura de Márcio, vitória inconteste no jogo da vida

por JOÃO CARLOS JOSÉ MARTINELLI*

Quando o conheci, imediatamente, pensei comigo: esse Márcio é um cara inquieto, que fala muito e que sequer, conclui seus diálogos, pois os mantém, às vezes, com várias pessoas num único momento. E não errei, pois continuamente se aviva e por isso necessita contatar com todos e tudo ao mesmo tempo. Trata-se do seu jeito próprio e especial, normalmente afeito aos bons poetas. Não fosse assim, Vinicius de Moraes não carregaria sempre um copo; Carlos Drummond de Andrade seria mais social, Ferreira Goulart não teria tiques nervosos e Martelli se revelaria um pacato e alienado cidadão.

A maior parte dos escritores traz consigo uma infinita sensibilidade que aos mortais, muitas vezes,

pode parecer estranha. Dotados de um dom maravilhoso de traduzir nas letras os sentimentos humanos mais diversos, sobrepõem-lhes uma angústia, seguida de melancolia por não serem, às vezes, compreendidos como gostariam de sê-lo, através das palavras traduzidas pelas coisas belas do coração. Mas ao mesmo tempo, ora se jubilam com suas criações por se originarem de seus mais nobres encantos, ora se desabafam por surgirem de suas mais dolorosas decepções.

Efetivamente suas trajetórias oscilam entre alegrias e tristezas. Os artistas da escrita são eternos sonhadores. Alimentam utopias. Querem ser românticos num mundo extremamente consumista. Pretendem cultivar as amizades com gestos e atos sinceros, que a arrogância dos nossos dias não mais admite. Buscam caminhos inatingíveis perante a ausência de qualidade na convivência social. São eternos guerreiros num mundo já derrotado pela prepotência e pelo poder econômico. Não se submetem aos desígnios da intolerância, nem se curvam perante os incautos. São permanentemente brilhantes, até mesmo quando as constelações se apagam pela escassez de afetividade e solidariedade. São carentes em seus próprios desejos, muitas vezes conturbados pela grandiosidade

de suas almas. No entanto, ufanam-se, ainda que intimamente, por seus dotes em manejarem as letras valendo-se da faculdade de dominá-las.

O poeta Márcio sabe como ninguém traduzir suas dúvidas, seus amores e anseios. Em “VIVER: UM JOGO PERIGOSO”, mostra com rara nitidez os conflitos de alguém inconformado com os conformismos, alterado com a neutralidade e massificação dos indivíduos, sofrido com as imposições negativas do destino, mas encantado com os propósitos reais de vida. Maravilhosamente criativo e entretido com a arte de escrever, de forma completa, abrangente e pura, oferece-nos preciosos e inspiradíssimos versos. Assim, o presente livro que ora apresenta, leva os leitores a uma fantástica viagem iluminada em suas construções gramaticais e na interpretação lúcida de suas visões poéticas.

É muito bom existirem pessoas qualificadas como Martelli, acreditando na verdade e na grandeza das manifestações literárias, redentoras de um universo talhado ao êxito de concepções vazias, que cega até as belezas naturais. Num momento em que não se consegue alçar a liberdade plena e a fraternidade se mostra inexistente, na qual os homens são mensurados pelo que têm e não pelo que são, ele cria uma obra autêntica, sincera e reveladora do imprescindível

humanismo que deve presidir nossas relações, sob pena do ato de viver se tornar realmente uma arriscada aventura, ou melhor, um manifesto jogo perigoso.

*** JOÃO CARLOS JOSÉ MARTINELLI,**
Advogado, escritor, jornalista
e professor universitário

Prosa

02019



Inquietação na madrugada

Há que se notar a sua ausência, presença quase sempre constante na vastidão de minhas idas e vindas pelo mundo afora.

No entanto, sinto-a presente; em cada vão momento, em cada sílaba pronunciada, em todos os poros, pelos ares; e sinto medo.

Sim, eu temo estar sozinho – eu que sempre desejei a solidão – e, hoje, rezo uma prece aos santos e orixás que não me permitam uma velhice esquecida em um canto qualquer.

Então, ando a buscar apego. Vendendo-me a cada esquina por preço meramente simbólico. Estou me doando em troca de carinho, amor, afeto... uma palavra que me sirva de consolo e me leve daqui, nesta hora de total desespero.

17



Sinto-me pesado, mas não de uma gordura corporal de quem abusa da dieta, nem de uma obesidade mórbida de quem nunca na vida praticou algum esporte. O meu peso é a minha cruz e a carrego solitário, embora esteja em paz comigo mesmo quanto a isso. É que no momento, agora, sinto-me um fardo. Um fardo que não desejo conduzir.

Ah, Deus, a que ponto cheguei. Não consigo tolerar a convivência comigo mesmo e rogo por uma companhia. O dilema existencial de todo ser humano – o de não acreditar em si mesmo.

18

Então, acendo a luz do quarto. Olho para as roupas jogadas no chão, pelas tintas e pincéis à minha espera e pela obra: inacabada.

Levanto-me, é madrugada. O som que vem da rua consola-me um pouco. Um pesadelo. Sim, eu tive mais um daqueles. Ando até o banheiro, retiro mais um comprimido da caixa e engulo-o feliz. Dizem que é a pílula da felicidade. Pena que o efeito dure tão pouco.

Abro a janela, respiro o ar noturno. De algum local neste prédio vem uma melodia clássica. Chopin, talvez, não sei. Não sou muito bom nisso. Fico a escutar. O frio da madrugada congela-me lentamente, mas a música me anestesia.

Lembranças correm soltas agora...

O que será que fazem agora no Brasil?

Estou tão longe...

Um cão late, penso até ter ouvido uma coruja, qual o quê, uma coruja... Só mesmo eu para achar tal coisa em plena Nova Iorque. Mais ao longe, vejo o parque. É, bem que poderia ser mesmo uma coruja. As ruas quase vazias dormem seu tráfego sonolento. Eu só observo. E começo lentamente a sentir sono. Os luminosos me hipnotizam e fazem-me semi adormecer. A música cessa. Fecho a janela e volto para a cama. O silêncio invade minha alma. Penso novamente em você. Uma lágrima escorre pela face. É tão lindo sentir saudade! No Brasil, estaríamos, talvez, ainda juntos. A distância nos separa. E muito embora eu desejasse muito isso, descubro o quão vazio a vida pode se tornar sem alguém. Desligo o abajur, enrolo-me nas cobertas, ligo uma música bem baixinho e deixo que Jobim me embale com toda a sua insensatez...

19



De tanto amor

Ao que me recordo, as primeiras lágrimas do novo ano precipitaram sobre minha face logo nos seus minutos iniciais. É que não há como, simplesmente, ignorar tudo e seguir em frente.

Sou sentimental e vi todos vocês na minha mente e pensamentos.

Chorei pelos que se foram e por todos aqueles que, mesmo sem terem ido, não fazem parte, nem voltarão jamais. É, viver é mesmo um jogo perigoso.

2009 traz mudanças, muitas mudanças.

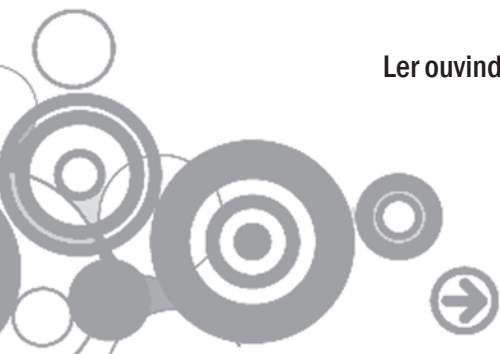
E eu espero de braços abertos.

“Perdoa se eu chorar...”

Janeiro de 2009

Ler ouvindo a canção “De tanto amor”,
de Roberto e Erasmo Carlos

Márcio Martelli



Apenas um saxofone

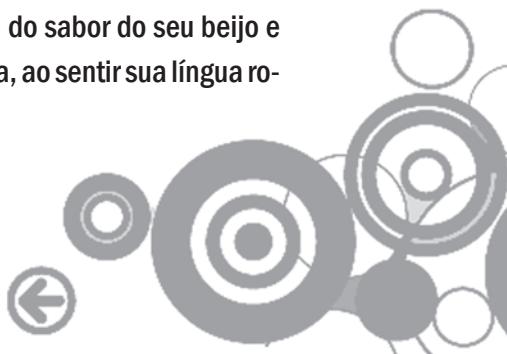
É estranho estar sentindo este irrefreável desejo por você e não poder tocá-lo. Mais estranho ainda está sendo a proporção na qual se tornou a sua ausência. Você se foi há três dias e fiquei aqui, parada, esperando a sua volta...

21

O vento que me congela a alma vem pela fresta deixada pela porta aberta, a mesma porta por onde saiu, onde defronte estou, a esperar.

O vazio está se tornando insuportável; imagino seus passos à minha volta preenchendo a minha solidão. Ouço as canções que dançamos aqui, neste mesmo local, e nos risos soltos que completavam nossas madrugadas inapagáveis.

Lembro-me muito bem do sabor do seu beijo e de como emudecia arrepiada, ao sentir sua língua roçando o meu pescoço.



— Olha, você se arrepiou todinha!

E você, sem parar, sem parar, sem parar... até que eu pulasse em seu colo e lhe beijasse atônita, provocando uma sessão de carinhos e amor sem fim.

Queria ouvir uma música agora, mas “Olho nos olhos”, de Chico, está fora de cogitação; muito embora ame esta canção, só que me dói, dói demais, sangra e me machuca.

— Você gosta de Chico Buarque?

Para agradar disse que sim e, por fim, acabei ganhando toda a coleção de CDs do artista. Apreendi a gostar, a entender, discutir sua obra, como quem passou a vida toda admirando o cantor com os olhos de mar.

Agora, me restam os CDs... Meu Deus, “afasta de mim este cálice”, que agora eu quero ficar só! Não, eu não quero. Quero que volte, que traga seu riso, minha vida de volta, que me encha de amores, que me provoque, que faça bagunça em toda a casa e em meu coração, quero que me torture com palavras embriagadas que somente você consegue falar. Entonteça-me. “Faz me rir... rá, rá, rá...”

E a noite chega outra vez. Ando até a porta e, desta vez, a fecho. É inverno na minha existência e preciso esperar as andorinhas voltarem. Elas, dizem,

Viver: um jogo perigoso

trazem o verão e tenho a grande esperança de que o sol que regia a minha vida retorne com elas e esquente-me, como eu um dia fui aquecida. Quero ouvir o seu saxofone tocando sob minha janela, invadindo a solidão do quarto, iluminando, espantando a depressão que é estar só... você se foi... e eu fiquei aqui, a lhe esperar...

“Me disse para ser feliz e passar bem...”

23

Márcio Martelli



Breve

Acho que quero escrever coisas sem sentido. Falar de tempos longínquos, de reinos distantes, dos vassalos, das sesmarias, do feudo, dos castigos e do caos.

24

Não seriam tão sem sentido se não fossem verdades; relatos de coisas que aconteceram há não sei quanto tempo. Eu viajo no tempo e visito locais onde estive e pensei que nunca mais voltaria.

E eis que você também estava lá. Vestida de vento, causando uma tempestade ensurdecadora na tarde silenciosa...

Elas, as musas

Uma homenagem a
Tarcísio Germano de Lemos

As musas saíram a passeio e fiquei a catar conchas na areia da praia. Enquanto o dia lentamente se espreguiçava, a minha coleção ia, aos poucos, aumentando. Onde estarão as musas?

- Dá para ouvir o mar! – ele certamente me diria isso e eu imaginaria um oceano inteiro dentro daquela concha rosada e seu som estereofônico do oceano.

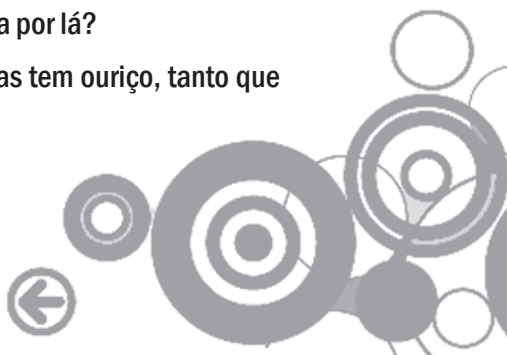
“Mas para onde ele foi” – foi o meu primeiro pensamento, como que a interrogar a sua ausência ao meu fiel amigo inconsciente. E ele não me respondeu.

– Por este caminho, andando uns quarenta minutos, você chegará a uma praia fantástica, deserta e com águas cristalinas.

– E tem muita água viva por lá?

– Não sei, nunca vi, mas tem ouriço, tanto que até já me machuquei.

25



— Pai, você sabe nadar bem?

E mais nenhuma resposta. Nem ao menos um sinal que pudesse me identificar o paradeiro – dele e delas – “Ah, as musas”, pensei.

Segui a trilha e fui identificando coisas que só havia visto na minha infância: uma represa onde passamos juntos um final de ano. Casa simples, mas com toda a família. Até o ex-marido da moça estava presente. E foi bom.

Lembro-me de nós todos nadando no rio e, quando percebo, não é mais o mesmo rio, não são mais as mesmas pessoas e nem o tempo é igual. Diria que seria assim como um local mágico, com passagens secretas para outros e mais outros lugares assim como esse. Recordo-me muito bem de tudo aqui, às vezes, visito tudo quando me desdobro.

Falando nisso, tenho visitado muitos outros mundos por estas noites inacabadas. Não tenho mais medo. Já tive, eu sei, mas hoje não mais. Hoje, aproveito esses passeios para aprender.

O elevador que anda para o lado e balança. Quantas vezes já o peguei. E a floresta, montanha, lago, céu, sol, tudo isso dentro de um andar de um prédio... É, eu fico imaginando coisas... eu sei.

Mas o fato é que ele se foi. E nem me despedi. Tinha tanto a lhe dizer. Fazer o quê? E ainda acho que as musas o acompanharam. Fiquei só. Eu que sempre desejei estar sozinho... Quero não.

Quero a volta das musas, como diria Tarcísio, quero a volta das fadas, de meu pai e de minha irmã. Quero rir com as peripécias das duas meninas e quero ficar feliz quando sinto a presença dos amigos que me protegem.

Eu gosto de imaginar coisas...

E, por isso, imagino.

Imagino um cometa e, agarrado nele, as musas da primavera e de todas as outras estações. Pego-as com as duas mãos e as fecho num formato de concha. Ouço o mar. Um oceano inteiro dentro de mim. A alegria pulsando, a vida. E a certeza de que o mundo pode ser meu se eu assim desejar.

E eu o quero azul.

E todo iluminado.

Porque elas, Tarcísio, elas, as musas, elas voltaram!



Inebriante

28

As hortênsias chamaram a minha atenção. De repente, da minha varanda, elas desfilavam com todas as cores possíveis atraindo o meu olhar. Elas estavam lindas!

Pensei: “mas desde quando essas flores estão nesse jardim, que eu nunca reparei?” Elas estão lá há muito tempo, talvez pedindo a minha atenção e, nem assim, dei bola.

Então, por que hoje, elas me intrigam? Não é primavera, estamos em pleno verão e elas coloreem minha vista com a alegria que lhes é peculiar.

Mostrei-as à menina que se encantou. Conteï a ela também sobre as flores que se abrem à noite e entorpecem o ar com o seu perfume inebriante: as damas da noite. Claro que ela quis ir ver e sentir.

Mas era uma noite fria e as daminhas recolheram-se em seus leitos à espera do calor que, logo, há de voltar. A menina ficou curiosa e disse que queria saber tudinho, tudinho.

Voltei para a casa, debrucei-me sobre a varanda e deixei Nana me ninar. Sonhei que viajava entre as estrelas e que uma delas era um imenso jardim florido. Não haviam flores cantantes, nem falantes, só um colorido que chegava a doer a visão de tanto esplendor e o aroma de mil perfumes misturados. Era o planeta das flores.

Acordei meio bêbado e ainda impressionado. Olhei para o jardim e as hortênsias fingiam de nada saber. Deixei quieto e fui me deitar. Desta vez, para dormir de verdade. Só que antes, peguei um regador e fui dar o meu boa noite às princesinhas.



Era menino

30

Imaginei-me adolescente. Vinte anos blues. Pela vitrine do condomínio a explorar por entre as arestas da cortina. Vi você passar. E entre passos e gestos passei a desejar você. Sei que qualquer dia irá reparar. Perceber os olhos e cabelos castanhos que a observam. No desejo adolescente de querer ficar com você. Por um só minuto ficar do seu lado e ouvir a canção. “Fecha a luz. Apaga a porta...” E morrer de rir sem parar...



Márcio Martelli

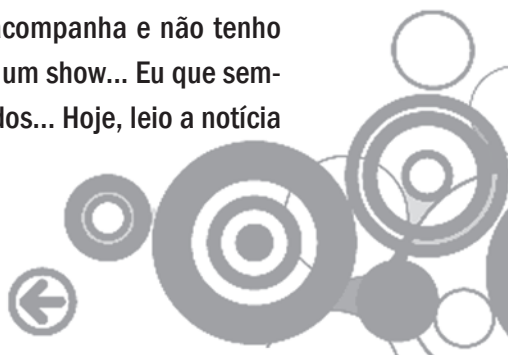
Retrato de uma noite de domingo

Dedicado a Mônica Gropelo
e Rita de Cássia Silva

31

Ouçõ, no tempo, as vozes de meus amigos. Ao longe, eles me chamam pelo mesmo nome de sempre e me conhecem como sou e não como aparento ser. Eu fico a olhar seus rostos perdidos nas brumas dos anos e sorrio, tento abraçá-los e tê-los junto a mim, mas qual! as brumas embaçam minha visão e uma neblina gélida toma conta de mim.

Ando tão sozinho pela minha estrada! Nos meus sonhos, vejo quem já se foi e batemos longos papos, porém, quando acordo, somente a minha companhia é presença certa que me acompanha e não tenho vontade de ir a um cinema, um show... Eu que sempre soube tudo antes de todos... Hoje, leio a notícia



nas páginas do site que é, antes de tudo, meu amigo e companheiro.

Estava agora há pouco lendo o email de uma amiga antiga, pensei no quanto nossos caminhos se bifurcaram e, também, pensei nas vezes em que nos reencontramos e, por incrível que pareça, o brilho ainda continuava lá, as lembranças, os amigos em comum.

Escrevi a ela uma resposta falando dos velhos tempos, não falei sobre as rugas que o tempo plantou em nossa face, nem das experiências acumuladas, nem das viagens, nem de nada... só falei da saudade que tinha dela: de quando ela gravava suas fitas em casa, de como ela abria a geladeira quando tinha fome e comia as frutas que estavam por lá, falei da simplicidade destas coisas que nunca, ninguém dá a mínima, parecem tão banais, tão bobas... e elas são importantes demais... são elas que ficaram na nossa memória e são o fator determinante dessa nostalgia.

Também disse a ela sobre uma outra amiga que há tempos não vejo. Éramos tão unidos, como ríamos juntos, como nos divertíamos. Ah!... como a juventude é uma coisa linda, não é mesmo? E nem nos damos conta de quando ela se vai, apenas nos descobrimos velhos... e saudosos.

Por isso, ouço no tempo suas vozes, vejo nas brumas seus rostos.

Aceno. É só isso que posso fazer hoje, acenar.

Procurar. É só isso que posso fazer hoje com quem ainda está vivo, procurar.

Chorar. É só isso que posso fazer pelos que se foram, chorar.

E viver. É somente isso que posso fazer por mim mesmo e por todos aqueles que gostam de mim, desse jeito mesmo, saudoso, teimoso, careta, velho... e cheio de esperança de que, um dia, tudo isso irá mudar e verei os rostos frente a frente, *face to face*.

E iremos rir sem parar de tudo de novo...

Faremos as mesmas coisas... tudo de novo...

E nunca mais estaremos sós, nunca mais sere-mos nós mesmos...



Minha mãe

34

Ela ouvia Ray Charles e sonhava com a vida que um dia pensou em ter. Ela ainda se embala ao som dos Beatles – trilha sonora de sua vida - como se hoje fosse ontem, qual na canção em que todos os seus problemas ainda estavam longe e sua história tornava-se um grande baile de sábado de aleluia.

“Yesterday, all my troubles seemed so far away”... *

O que ela foi percebendo lentamente é que os seus sonhos de mocidade, embora não tivessem envelhecido, foram se transformando e se adaptando no seu dia-a-dia de mulher, esposa e mãe.

Muito ouvi sobre seu biquini de bolinha amarelinho e a Jovem Guarda, tudo deixado para trás para se dedicar aos filhos que, de forma exclusiva, a exigiam todinha para eles.

E assim ela ia seguindo seu rumo: ensinando o beabá às crianças, educando, ficando brava e fula da vida quando aprontávamos – e era sempre –, repreen-

dendo-nos e amando a toda hora, minutos, incontáveis segundos, sem nem sequer esboçar sinais de cansaço pelo tanto que fazia e ainda faz.

Aprendi, com a sua lição de vida, que sempre há um jeito para tudo, que quem fica parado é poste e que arregaçar as mangas é uma virtude necessária a estes tempos modernos, pois somos nós que determinamos o nosso futuro e a vida é impiedosa a quem desperdiça uma oportunidade.

Mas, o que mais admiro no seu jeito simples de ser é a sua visão empreendedora de mulher de negócios, em que é inexistente o verbo fracassar e a vitória é objetivo final em qualquer situação que se apresente.

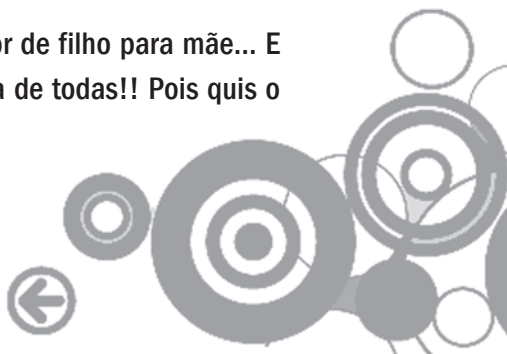
Ela seria uma grande executiva se tivesse nascido em outra época ou, quem sabe, em um outro local. Mas, não! Ela optou por estar aqui e viver de forma intensa todos os obstáculos com os quais a vida a presenteou; sejam eles bons ou maus, não importa.

Com ela aprendi tudo que a vida quis me tirar e não conseguiu.

Aprendi a ser duro e exigente para comigo mesmo e não desistir nunca.

Aprendi a amar o amor de filho para mãe... E essa foi a lição mais bonita de todas!! Pois quis o

35



destino que eu não nascesse de seu ventre, nem tampouco que ela me sentisse dentro de si durante os nove meses de gestação – fator preponderante que faz brotar em toda mulher que, ansiosa, aguarda o nascimento do seu rebento, o amor materno para aquele que vai chegar.

Nem isso nos foi permitido e nem fez tanta diferença assim, pois vim dos braços de sua irmã, mulher também importante em minha vida, que determinou minha forma de pensar e encarar o mundo. Tudo foi necessário e está escrito nas tábuas da Lei.

36

Juntos, aprendemos a tolerar nossos defeitos, tornamo-nos confidentes, ficamos até parecidos fisicamente e não há quem diga ou duvide de nossa relação de mãe e filho.

Nestes meus quarenta anos vividos, já a vi enfrentando todas as situações: rindo, chorando, brava, feliz, alegre, triste, com raiva, bondosa, repreensiva; enfim, com todas as qualidades inerentes a todo ser humano. Mas o que se destaca é a sua capacidade de renovação, de renascer. Minha mãe é uma fênix, ave mitológica que renasce das próprias cinzas. Eu já a vi renascer diversas vezes.

Fui o seu primeiro filho e, juntos, aprendemos diariamente as lições cotidianas. Nossa ligação foi

há muitas eras iniciada e nosso encontro, com certeza, não acaba aqui.

Ah!... quantas alegrias em família!

Ah!... quanta saudade!

Passamos por poucas e boas e ainda temos muito a viver. E bem sei que ela daria tudo para que muita coisa fosse diferente. Ela sabe muito bem do que estou falando...

Pois ela finaliza os meus pensamentos e sabe, de antemão, antes de eu contar. Para ela, eu dou todo o meu amor e não peço nada em troca – só um leite com café na cama, daquele jeitinho que só ela sabe fazer...

No céu, com diamantes**, só para finalizar com os Beatles, iremos continuar nossa jornada espiritual. Junto a quem já se foi e que espera por nós.

37

Pelo ontem

Pelo amanhã

Pelo futuro

Por tudo o que sou

E que não seria nem a sombra

Se não fosse você



Viver: um jogo perigoso

“I can ´t stop loving you” ***

Para sempre seu filho

Por toda a eternidade

MM

38

* “Yesterday”, dos Beatles

** “Lucy in the sky with diamonds”,

dos Beatles

*** “I can ´t stop loving you”, de Ray Charles

Márcio Martelli



Mensagem

Fiquei olhando você ao lado da fogueira acesa, numa noite escura, a se aquecer do frio. Não se revelou homem, nem mulher. Usava uma veste de monge franciscano que lhe cobria todo o corpo. Apenas fiquei a observar.

Acredito que isto tenha acontecido há muito tempo, uns trezentos anos, diria. Mas a imagem ficou gravada na minha retina espiritual.

— Quem é você?

— Por que se mostra agora?

— O que tenho de aprender com isso?

Saber largar quando é a hora de largar? Sem me importunar com o que ficou, com os outros e, apenas, seguir, seguir até chegar numa clareira e descansar, descansar... até acordar.

Daí, percorrer a vida atrás do novo rumo e compreender que a ordem é esta. Não adianta debater. Assim foi acertado, assim será.

E as estrelas são testemunhas.

O fogo está aceso, basta se aquecer.

39



Vivo ou Um grito mudo

40

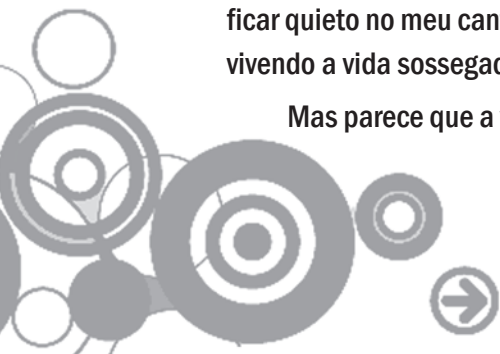
Estive pensando no quadro de Edvard Munch, “O grito” e é exatamente assim que me sinto: gritando. Mas um grito que não emite som; é mudo! Ou as pessoas é que estão surdas?

Acredito que falta decência, que, se a humanidade fosse inteligente, saberia o tempo certo para tudo acontecer. Olho a televisão e vejo guerra, converso com amigos e descubro que fulano levou um tiro ao sair do restaurante, recebo a notícia de que uma pessoa “amiga” resolveu, sem mais nem menos, inventar fatos que não aconteceram.

Mania de perseguição? Não, eu não acho que tenho essa mania, aliás, eu gostaria mesmo era de ficar quieto no meu canto, fazendo o meu trabalho e vivendo a vida sossegadamente.

Mas parece que a vida não me quer assim...

Márcio Martelli



Então eu olho o quadro de Munch e berro bem alto:

— Me deixa em paaaaaaaazzzzzzzzzzz!!!!!!!

E o mundo ri, ri, ri, ri de mim, como quem diz não ser possível tal fato.

Enclausuro-me, viro um caramujo dentro de sua casca, um molusco e vou viver dentro do mais profundo oceano, sozinho e supostamente feliz.

Não quero os holofotes, não quero a notícia, quero ser o testamento vivo de minha época sem ter de me preocupar com nada, apenas viver o que tiver de viver.

Sem medo, sem mágoa, sem culpa, sem erro.

Um grito mudo, eu diria, um grito que ninguém quer ou deseja escutar.

Um grito só meu e para mim mesmo.

Por isso eu grito, repito-me.

E, só assim, consigo me entender.



Vestígios

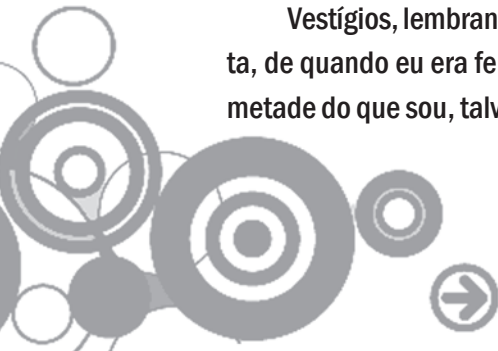
42

Limpo as gavetas, abro caixas e mais caixas com memórias de não sei quantos anos, observo, leio papéis, amasso-os e os jogo no lixo... Mas as marcas ficam. Por mais que eu me liberte de todo este entulho, fico engasgado, soluçando e me perguntando o porquê.

Cada papel esconde um pouco do que aconteceu, do modo que éramos e um pouco do que sou, eu diria. E assim, fica difícil jogar fora, fica complicado remexer, sem mexer um pouco com a essência do que restou.

Então, acumulo, vou guardando em novas caixas que compro, uma mais bonita que a outra, com desenhos novos, decorativas, para quê? Somente para esquecer que dentro delas tem você, tem a nossa história que, quem sabe, um dia, alguém irá ler...

Vestígios, lembranças de um tempo que não volta, de quando eu era feliz e do tudo que fomos, nem metade do que sou, talvez um terço, um nada.



Márcio Martelli

Viver: um jogo perigoso

Escuto a música, sinto calor, sinto frio, viajo até São Tomé e nem todas as letras conseguem definir o que sinto: “oh, Terra, onde é que estou? Fechado nesta nave errante...”

43

Márcio Martelli



Passado

44

Na imensidão, procuro meu rosto em meio a nuvens de fumaça de chaminés acesas das casas. Onde estou? Será que durmo um sono aquecido e tranquilo, ou será que a inquietude ainda permeia minha vida e aspirações? Não, eu não sei que cidade é essa, se é Londres, Innsbruck ou Mainz. Se estou na Alemanha ou na Áustria. Sei que tudo é cinza e a luminosidade é rala e rara. Tempos bem difíceis. Tempos que deveria esquecer.

Ao longe, vejo um gato sapateando no telhado de uma casa velha. A ele, não importa o frio, nem a falta de luz, nem o clima sombrio que paira nesta hora. Para ele, não existe primavera e a vida é um longo inverno que demora demais a cessar.

Resolvo entrar nessa casa, a do gato. Atravesso sua porta e vejo claramente um toco de vela aceso sobre a lamparina da parede. A parca luz me permite vislumbrar os poucos e puídos móveis da casa: a mesa, duas cadeiras, um velho queijo e uma faca. Sobre a

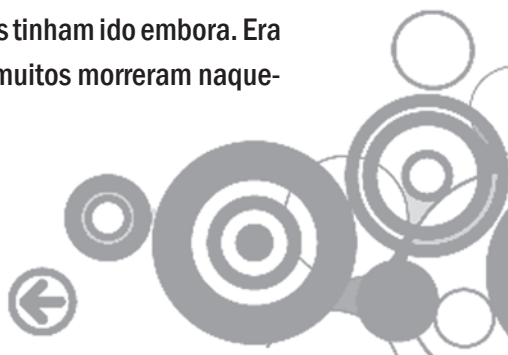
lareira, um quadro torto, com rostos que desconheço. Talvez família, senão, ninguém importante.

Ao fundo, um batente de porta e uma janela com os vidros rachados. Espio pela porta e me deparo com um cômodo que, se estou bem certo, é cozinha e banheiro ao mesmo tempo. Estranho.

Uma outra porta leva ao único quarto da casa. E, na cama, deitado, dormindo, me encontro, alheio a tudo no mundo. Estou diferente, não sou alto, tenho uma estatura mediana, cabelos pretos e, diria que um pouco sujos. Estou à vontade, quer dizer, ele que sou eu está. Eu estou totalmente incomodado e não vejo a hora de sair daqui. Essa vida não me pertence mais e o que eu tinha de aprender com ela espero ter aprendido.

Dizem que quando voltamos no tempo, quer seja em sonho ou até mesmo acordado, é porque conseguimos acertar um dos erros de nosso passado. Acredito nisso, pois não quero voltar mais lá, naquele período obscuro e sem destino.

Eu sei que aquele homem, que era eu, morreu poucos dias depois. Estava moribundo e não tinha ninguém a cuidar dele. Todos tinham ido embora. Era a peste e assim, como ele, muitos morreram naquela época.



Viver: um jogo perigoso

Velhos tempos. A nossa história hoje é outra. Mas os nossos medos e agruras são os mesmos. O que fazer para nunca mais passar por tudo aquilo? Ter fé e acreditar que o melhor ainda está por vir. E eu sei que virá, senão eu também estaria em uma cama, esperando a única certeza da vida chegar...

46



Márcio Martelli

Ponto

Eu não quero me sentir só. Não, eu não estou sozinho, muito embora em meus pensamentos, às vezes, instaurem períodos de extrema solidão, onde exilado, num canto qualquer, me encontro à procura de algo que nem mesmo sei o quê. Desespero-me, debato com a incerteza e vou por caminhos sem placas e nem sinais.

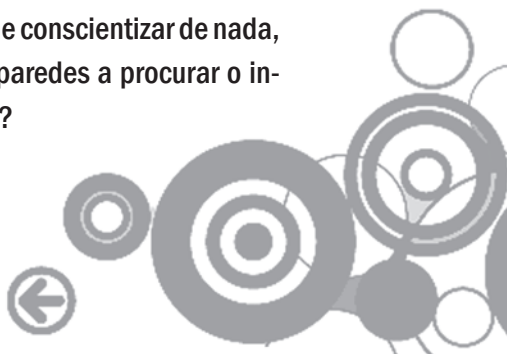
47

A única esperança, talvez, seja a persistência que tenho de que algo há de vir e iluminar estes tempos sem luz. Caminho pela estrada errante e nem um som se propaga, nem o próprio eco de meus gritos consigo ouvir na paisagem.

Será que morri?

Será que estou em coma em algum leito de hospital à espera do despertar?

Ou será que vivo sem me conscientizar de nada, tal qual um cego tateando paredes a procurar o interruptor para acender a luz?





Viver: um jogo perigoso

Oxalá eu esteja em processo de iluminação e esses breves momentos de viagem de meus pensamentos sejam um presságio de que o pior já passou e que o vale se aproxima, que as cerejeiras agora, além de florescerem, dão frutos saborosos e que a vida, embora efêmera, é um simples caminhar de final de tarde na avenida da cidade.

48



Márcio Martelli

Um gosto de sangue

Ah! minha irmã, a saudade não cabe mais nesta folha de papel. Ela já transbordou, foi além do oceano e não tem mais por onde ir.

Eu? Eu choro, apenas choro e tento não ligar para os homens que, a cada dia, que passa tornam-se intoleráveis.

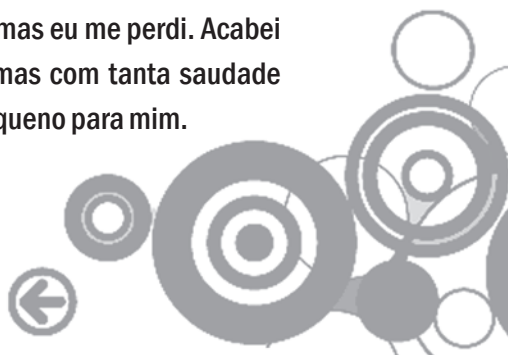
Sim, eu sei que não cabe a mim julgar nada, mas o fato é que as flechas estão no ar e acabo sendo atingido.

Então, fecho-me em minha clausura. Como diz Joyce “dizer que estou solta na minha prisão”, e num ato de desespero, choro um rio de dores.

Se sou triste? Eu não sei dizer se sou ou não. Sei que sou feliz por muitas e muitas vezes, que o sol sempre me aquece, mas, por alguns momentos, o frio faz moradia em meu coração.

Eu não queria ser daqui, não. Eu queria era estar no meu verdadeiro mundo, mas eu me perdi. Acabei aqui, com tanta saudade, mas com tanta saudade que o universo tornou-se pequeno para mim.

49



Viver: um jogo perigoso

Sabe, irmã, eu tenho medo dos homens. Eles são capazes de cometerem atos que sequer passam por minha cabeça.

Ta bom, eu confesso... passam sim, mas eu jamais os cometeria. E os homens os cometem. Pergunto o porquê e nenhuma, mas nenhuma resposta me chega.

O que me resta apenas é rezar.

Rezar e olhar para dentro. Imaginar um amor tão grande que envolva a tudo e todos, até os “inimigos”, principalmente eles. Fazê-los chorar, eles necessitam. Precisam sentir o gosto da lágrima de uma traição e arrependerem-se.

Será que eles entenderiam? Ou será que tudo já se deturpou de tal modo, que a verdade passou a ser a mentira criada e, dela, já não há mais escapatória e acabo passando por lunático, pois o meu mundo não é o mesmo?

Viu só que confusão!!

Bem fez você ao ir-se. Só que eu fiquei. Com o coração na boca, com os olhos marejados, com uma vontade louca de viver e uma alma despedaçada de tanta saudade.

50

Márcio Martelli

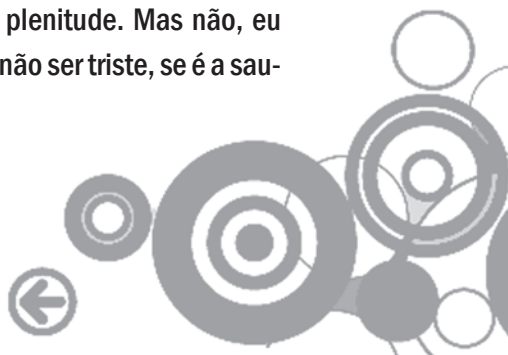
Melancolicamente intranquilo, distante e feliz

51

Os melhores textos nascem da dor, da tristeza e da infelicidade. Ora, que raios, pra quê? eu pergunto. Escrever a melancolia para reler e novamente senti-la? ... Para que sofrer tanto assim?

A dor do escritor não é uma dor real, é uma agonia constante que fere a alma e o impele a colocar no papel as palavras que brotam em sua cabeça...

Agora, por exemplo, sofro a dor de um instante como este. Eu não queria escrever, queria sentir essa tristeza ou sei lá como posso chamar esse sentimento e curtí-la em toda a sua plenitude. Mas não, eu começo a escrever. E, como não ser triste, se é a saudade que me consome?



Por isso, abro uma porta no meu peito e deixo fluir a esperança de continuar, de acreditar e de tentar mais uma vez. Sei que tenho tanto ainda, que busco tantas coisas, que até penso serem inacessíveis e é justamente por serem que as persigo. Até consegui-las.

Meu tempo não pode ser gasto com futilidades. É como a música de Mônica Salmaso: rica, perfeita, afinada. Uma verdadeira joia. Assim é o meu tempo: uma jóia que não pode ser usada em qualquer momento e sim, em momentos especiais.

Quero cantar e viajar. Esquecer o medo, esquecer de você, esquecer de tudo.

Não quero questionar a cena imprópria da novela, nem comentar o hilariante Pelourinho. Quero a chama. Quero habitar moradias onde eu possa chegar como um trovão. Um estrondo que assusta, mas que, aos poucos, demonstra-se ser necessário. E quero causar furor. Somente ser amor, mesmo que nem todos acreditem. Não me importa. O que me importa é o que sou. E o que sou me basta.

Ah! se os melhores textos nascem da dor, tenho de admitir que eles a aliviam também. Sinto a alma leve, o pensamento subindo e meu espírito escalando o Everest, local em que jamais almejei chegar.

Deixo que o riso se instale e é estranho este torpor que toma conta de mim, como na letra de Chico Buarque, “o que me bole por dentro”, o que me sangra, o que me machuca, o que me define, o que realmente importa. E o que importa?

Somente o aqui e o agora.

Eu tento explicar, mas não consigo. Eu tento fazer e faço. Eu falo. Você ouve. Eu respiro e o ar não falta a ninguém. Minhas palavras têm *soul*. O que é necessário. E é por isso que essa dor é essencial. Ela faz bem à alma.



Becão

Todas as noites, ele ouvia o seu radinho. AM, sempre AM. E a programação variava a cada noite. Porém, sempre havia a hora musical.

Eu, do meu quarto, ficava ouvindo; queria ter a mesma sensação que ele tinha: a de dormir ouvindo a música tocar.

54

Claro que nem sempre conseguia ouvir direito; na maioria das vezes, só conseguia ouvir, quando a porta do seu quarto ficava aberta e, aí, era uma delícia.

Houve um tempo em que dormíamos juntos no mesmo quarto. Ele – meu pai –, minha mãe e meus dois irmãos. Éramos tão pequenos... Nem mesmo sei como cabíamos todos lá, mas foi assim.

A música, sempre antiga, e o noticiário. Os jogos insuportáveis de futebol e a máxima sensação de proteção que sempre senti ao seu lado. Junto de meu pai, eu não tinha medo de nada.

Lembro-me de inúmeras passagens ao seu lado, mas o que ficou mesmo na minha lembrança foi o seu sorriso e a sua alegria. Pudera eu, um dia, ser assim.

Para ele, tudo estava bom. Do jeito que estava era bom e, se melhorasse, piorava. Ele era fanático por futebol, apreciava, e muito, estar ao lado de seus amigos e de jogar um truquinho. E isso, ele não dispensava nunca.

Poderia ter sido o melhor em muitas coisas, mas nunca quis. Amava-nos muito e, por nós, faria qualquer coisa.

Foi um grande pai e, se pai eu for um dia, serei como ele foi para mim. Vou querer passar a mesma sensação de segurança que dele emanava, para que ninguém tema nada. Mas confesso que isso vai ser difícil, muito difícil.

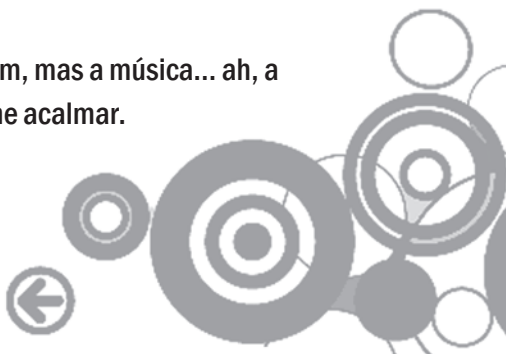
Hoje, penso em seu radinho... Quantos ele teve!!!

Quando ligo o meu Ipod sintonizando as mesmas velhas canções, lembro-me dele. Quando ouço “Peito vazio”, de Cartola, meu coração chora. Talvez porque Nelson Gonçalves tenha gravado essa música. E Elyzeu era fã deste cantor.

“Nada consigo fazer quando a saudade me aperta / Falta-me a inspiração / Sinto a alma deserta / Um vazio se faz em meu peito / E de fato eu sinto em meu peito um vazio...”

Comigo é assim também, mas a música... ah, a música... Só ela consegue me acalmar.

55



Passagem

Daqui a uma hora faço 41 anos. Na verdade, inicio os meus 42 anos, pois 41 anos eu já vivi intensamente.

O que pensar sobre tudo o que vivi?

Que foi bom? Que valeu? Que faria de novo?

Não, eu não sei realmente o que pensar da vida. Só sei que ela é intensa e, em vários momentos, consume-me tanto que penso que não mais vivo estou.

56

Agora mesmo ao escrever este texto, senti-me rodando, rodando sem saber ao certo o que iria acontecer.

Em tanto tempo de vida acumulei demais, sofri demais, chorei demais, ri demais, fui feliz demais... Epa! Melhor nunca dizer isso, que felicidade nunca é demais.

Então, eu posso dizer que fui, sou e serei mais feliz ainda porque estou vivo. E estar vivo é muito mais do que simplesmente acordar pela manhã e se levantar da cama.

Estar vivo é comungar. É saber que, embora difícil, a felicidade virá a qualquer momento e que vale a pena lutar por ela. Ela chegará.

E o amor... Ah! o amor sempre chega, às vezes, atrasado, ou senão, antes da hora. Uma coisa que aprendi do amor é que ele não tem pressa.

“Tanto que aprendi de amor na vida e, agora, descobri, que não sei nada mais...”

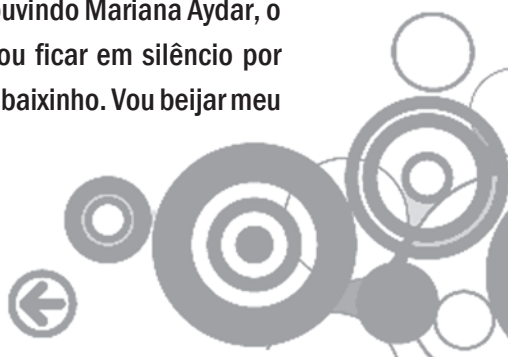
Bem dizia Fátima Guedes que o amor é um enigma, estamos todos à procura de e do amor. E quantas e tantas vezes ele nos cutuca e nem percebemos?

Já vivi muitos amores e muitas dores. Amar dói, amar corrói. O amor leva tudo e não devolve nada por inteiro. Sempre fica faltando um pedaço. Meu em você. Você em mim.

Mas, aos quarenta, tudo fica mais fácil. O amor é apenas amor e mais nada. Já não se chora, nem se sofre. Isso é privilégio dos mais novos. E é tão bom saber o que se quer. Como é mais fácil!

Uma nova fase começa de novo, mais uma vez o touro que habita em mim ruma nas mesmas teclas. Mas o que fazer se a preguiça é minha marca registrada? Eu não vou é fazer nada!

Vou esperar sentado, ouvindo Mariana Aydar, o relógio bater meia-noite. Vou ficar em silêncio por algum tempo, vou rezar bem baixinho. Vou beijar meu



pai e pedir sua bênção. Abraçarei minha irmã bem forte e direi que, embora ainda vivo, jamais a esquecerei. Vou pedir licença a Oxalá, saudar os Orixás e pedir força, trabalho e reconhecimento. Vou pedir honestidade a todos os que me cercam. Vou desejar justiça para todos, mesmo para os injustos. E vou perdoar sempre, vou pedir perdão.

Estabelecerei novas metas, sonhos de consumo e de sucesso. Levarei comigo os meus. Os que amo, os que amarei, os que ainda virão.

Os amigos, sempre do meu lado.

Os inimigos, também. Eles me fortalecem.

Chorarei um pouquinho, como agora. Mas serão lágrimas vivas para lavar a pouca sujeira que restou do ano passado.

Início este novo ano, limpo. Por dentro e por fora. E não me pergunte o que farei pela manhã. Se vai ter festa ou se saiu no jornal. Estou feliz, mais uma vez. E por mais que a saudade insista, sorrirei e a caminho do sol seguirei cantando.

“Para onde haja sol. É para lá que eu vou!”

(“O sol”, Jota Quest)

Voz

Não, ninguém pode calar a Voz. A Voz que canta e dá liberdade. Ninguém pode querer voar se faltam-lhe asas. Não se pode proibir, nem tão pouco enganar-se com a ilusão.

Quando olho para trás vejo minha vida toda sendo montada tal qual um quebra cabeças e, mesmo relutando em algumas partes, completo a cena e me aceito como sempre fui e sempre serei.

“Ninguém pode calar dentro em mim essa chama que não vai cessar; é mais forte que eu...” (Resposta - Maysa)

59

Por isso acredito nas altas da maré.

Por isso voou sem ter medo de me esborrachar. Eu confio.

Dia desses, assisti a um filme com Shirley MacLayne onde é pedido a ela que fechasse os seus olhos – detalhe: ela estava guiando seu carro – e se deixasse conduzir pela estrada por uma inteligência superior que a levaria até o seu destino. Ela assim o fez. Esta experiência dela ocorreu em Machu Picchu e, segunda a atriz, é real, está em seu livro “Minhas vidas”. Ela acreditou. Confiou.



Quantos de nós sequer acreditam no que os próprios olhos enxergam a apenas um palmo da mão?

Pedimos provas. Provas que na minha santa e ingênua ignorância não provam nada. Nada! Queremos atestar o improvável ou queremos ter a certeza plena antes de arriscarmos?

Cá entre nós, prefiro acreditar em duendes e gnomos a perder a minha fé na humanidade. Eu me liberto e através desta liberdade correm soltos todos os sentimentos dúbios do universo.

Se acho justo? Não serei eu o juiz nem mesmo o inquisidor. Já fui, tempos remotos que jamais voltarão – ainda bem! Sou um expectador e faço a minha parte, porém, não lavo as minhas mãos. Deixo que a sujeira se esgote com o passar dos anos. Uma tinta indelével que me absorve e me transporta para “vastas emoções e pensamentos imperfeitos”*. Vãs ideias. Tentativas para melhorar a existência. Raízes varando a terra, fazendo brotar a semente. Esplendor de cores e belezas no florescer do amanhecer. A verdade. A vitória.

E quando me encontro só, choro de felicidade. O mundo não é só feito de tristezas, tem muita cor neste mundo e eu quero dançar sob o arco-íris da igualdade.

**Título de um livro de Rubem Fonseca.*

Mundos

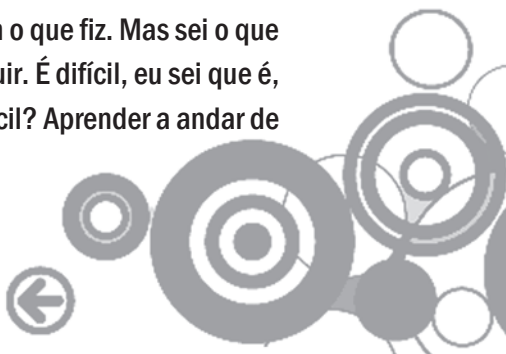
Eu tenho cá para mim que cada lágrima libertada eleva minha alma a um mundo que somente permito visitar em sonhos e, que toda vez que escuto um chamado, tenho a certeza de estar ouvindo a voz de Deus.

Ele me chama quando me perco em pensamentos inoportunos e restaura-me a razão, fazendo-me voltar à vastidão de idéias que tenho habitado durante muitos séculos.

Tenho a certeza de que ainda vou viver muito e terei de aprender que cada passo é um reflexo do passado que vivi e se espelhará no futuro que ainda estou moldando. Cada pessoa que me procura, cada casa que visito, cada ser que me conta sua história, cada lágrima que choro, cada sorriso que, por ora aparece em meu rosto, são apenas sinais de que tudo acontece simultaneamente nas nossas vidas.

Não sei o que sou, nem o que fiz. Mas sei o que posso fazer e hei de conseguir. É difícil, eu sei que é, mas o que é fácil? Viver é fácil? Aprender a andar de

61



Viver: um jogo perigoso

bicicleta foi moleza? Foram conquistas e como toda conquista leva um tempo.

Ah! O tempo...

Esse sim demora muito a passar, fere e machuca demais e também dá alegria demais. Eu respeito o Tempo porque ele me dá forças para continuar. E cada passo meu é monitorado, cada sono é abençoado e, mesmos os erros, se não perdoados, acabam sendo relevados. Pois o que está em jogo é muito maior e, é por isso que preciso me preparar muito mais. As portas foram abertas e de dentro dela tudo pode sair. Coisas boas ou não. O que quero colher??

Eu quero o sol e nele me esquentar. Quem não quer?

Mas, o que fiz para merecê-lo?

Tenho muito ainda para ver e viver.

Tem ainda muita areia e muito chão.

Pretendo viver cada passo e marcar a história como quem caminha rezando com um terço na mão. Sou a minha própria história e carrego comigo quem precisa. Vou vencer e quando chegar a minha hora, terei a certeza de que fiz tudo o que podia. E o que deixei de fazer compensarei da melhor forma que me for permitido. Espero estar com a razão. Amém.

Márcio Martelli

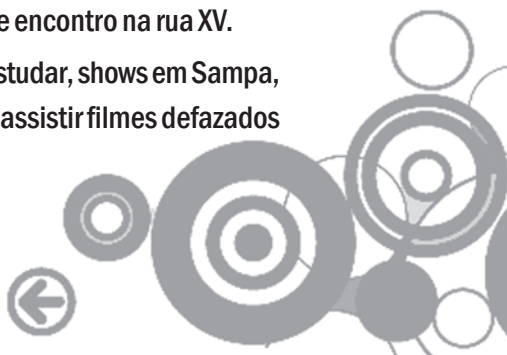
Um ensaio sobre a cegueira

Imaginar como Jundiaí será daqui a vinte anos é uma proposta, no mínimo, instigante. Mas, para que isso ocorra, preciso voltar no tempo, há vinte anos atrás, para entender o que de fato aconteceu por aqui para poder vislumbrar uma nova Jundiaí: futurística, culturalmente rica, segura, onde a liberdade individual seja respeitada, enfim, um sonho de cidade ou, senão, uma grande utopia.

Em 1988, estava com 20 anos de idade e tinha uma vida inteira de ideais à minha espera. Era um estudante de comunicação que viajava todos os dias a Sampa pela Viação Cometa. Chegava tarde da noite, às vezes, de madrugada, e comia um cheeseburger no Lanches Gordon, ponto de encontro na rua XV.

A vida resumia-se em: estudar, shows em Sampa, Cine Ipiranga e Marabá para assistir filmes defazados

63



Viver: um jogo perigoso

e comerciais ou, ir ao Armazém e Dobrão, bares da época. Teatro – nem pensar!!! Shopping não existia por aqui e Mc Donald´s era um sonho de consumo local.

A vida foi passando e se modificando... De repente, o shopping chegou, o estoque de Big Mac esgotou em um só dia, os shows começaram a acontecer esporadicamente e fui adaptando os meus ideais à realidade deste cotidiano.

Um dia, a internet surgiu e o mundo mudou. Isso refletiu diretamente na nossa vida, que se transformou. Jundiaí cresce incessantemente e a cultura é um reflexo de tudo isso. Nossa grande fênix, o Teatro Polytheama nos brinda com espetáculos musicais e peças de teatro, a literatura explode como uma bomba atômica sobre a cidade, a população aumenta cada vez mais, hábitos mudam e, hoje, encontro-me em uma cidade que ainda não consigo decodificar. Estou realmente em uma cidade do interior?

Jundiaí tornou-se uma das cidades com melhor qualidade de vida do país – dizem as pesquisas. Confesso que sinto saudades daquela cidade antiga, onde todos se cumprimentavam e a palavra era um documento inquestionável.

Márcio Martelli

Quando me pego a pensar no que acontecerá daqui há vinte anos, fico receoso e assustado. Quantos condomínios e prédios já estão em construção na cidade? Quantos paulistanos estão de mudança para a cidade à procura da tal qualidade de vida? Quantos shoppings ainda surgirão? Será que eu ainda vou poder usar a minha frase clichê: “em Jundiaí, eu chego a qualquer lugar em, no máximo, quinze minutos!”

Pois é, os tempos são outros. Na semana passada recebi um documento do meu condomínio que diz que, a partir de outubro, para que eu possa adentrar em minha casa, tenho de estar cadastrado na portaria do prédio e, se por acaso, ao entrar dirigindo meu carro e estiver acompanhado, faz-se necessário que meu acompanhante saia do veículo, se identifique, apresente documentos, para poder ser liberado e entrar. Isso tudo em nome da segurança. Mas cadê o meu direito de liberdade e privacidade?

A Jundiaí do futuro me amedronta. Quantas histórias surgirão e se tornarão livros? A Editora In House ainda existirá? Quantos mais Polytheamas necessitaremos? Afinal a cidade está crescendo e exigindo mais e mais.

Na verdade, se eu pudesse idealizar uma Jundiaí em 2028, gostaria que ela fosse libertária, que as



Viver: um jogo perigoso

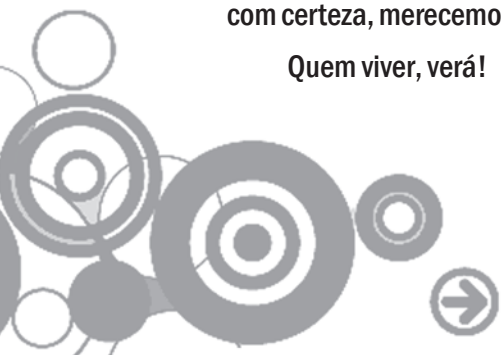
peessoas pudessem andar nas ruas sem medo, que fosse ainda mais valorizado o artista e a cultura local, que a visão de mundo das pessoas fosse mais humanitária, que não houvesse analfabetos e o ensino público melhorasse, que os idosos tivessem o respeito que merecem e as regalias que lhe são de direito...

Em 2028 quero admirar o pôr-do-sol jundiaense da mesma forma que o admirava aos vinte anos de idade, da janelinha do Cometa ao ir para a faculdade. Quero sentir a mesma sensação de saudade que tinha de minha cidade todas as vezes em que me encontrava longe dela. Quero poder dizer com orgulho: “Esta é a minha cidade, onde nasci, cresci, sou respeitado e fiz a diferença!”

Não quero passar por estes vinte anos apenas olhando a banda passar, nem quero regê-la. Quero tocar com ela e compor a trilha sonora de um mundo melhor. O futuro é incerto, porém suas bases estão sendo fincadas agora. Atente! Uma cidade do futuro perfeita é um ensaio sobre a cegueira. Vamos abrir os olhos e ver. Vamos prestar atenção e escutar. Vamos dizer o que deve ser dito. Jundiaí merece! E todos nós, com certeza, merecemos presenciar este futuro!

Quem viver, verá!

Márcio Martelli



Gente grande

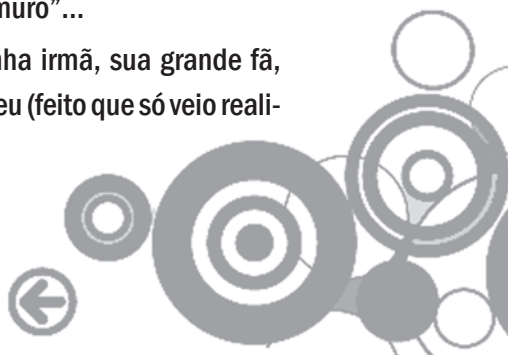
Há cerca de vinte anos estive, pela primeira vez, na Bienal Internacional do Livro de São Paulo. UAU!!! Foi esta a palavra que usei para resumir esta aventura. Lembro-me de andar por suas alamedas e, a cada estande, deter meu olhar nos livros que se descortinavam ante minha visão estupefata.

67

Lá estava eu, um jovem de 20 anos, acompanhado de minha irmã Alessandra, diante de um mundo que nos fascinava, dentro de uma cidade imensa, sendo engolidos por tudo que nos rodeava: pelo barulho, pelas pessoas, obras, livros, conversas paralelas e pela oportunidade de estar lado a lado com os nossos ídolos escritores.

“E o verde violentou o muro”...

Loyola estava lá e minha irmã, sua grande fã, queria muito um autógrafo seu (feito que só veio reali-



zar 19 anos depois, aqui em Jundiaí, num evento em que participou da organização). E também estavam Paulo Coelho, em início de carreira literária; Rita Lee com o seu livro infantil, Lygia Fagundes Telles e uma infinidade de escritores que não mais consigo me lembrar.

Foi uma experiência que mudou nossas vidas e que determinou aquilo que iríamos fazer a partir de então. Mas eu nunca sequer imaginei que pudéssemos chegar aqui, de onde agora escrevo este texto, no nosso estande na Bienal de 2008.

68

Na cabeça daquele menino de vinte anos a hipótese de estar participando desta mesma Bienal, com a sua própria editora em um estande, com mais de cem livros publicados, inclusive com alguns autorais, era um sonho inimaginável.

É, minha irmã, muita coisa mudou desde aquele dia. “Os sonhos não envelhecem”, já diziam Milton e Lô Borges, só a gente é que adquiri cabelos brancos, experiências e saudade; aliás, muitas saudades...

Ando por esta Bienal e vejo você menina, alucinada, encantada, querendo ver e servista. Ando por estas alamedas e ainda ouço a sua voz me alertando sobre este ou aquele livro e sei que você aqui está, ainda admirada, só que desta vez você se

admira da semente que um dia plantou e dos frutos que hoje colhemos.

Daqui de onde estou agora, escuto os ecos do passado e a voz de uma cidade parada, nos aplaudindo e incentivando com palavras e gestos de amizade e orgulho. Orgulho de estar fazendo parte de tudo isso aqui. Orgulho de ver seus escritores participando desta grande festa.

Olho no olho de cada escritor que aqui comparece e percebo no seu olhar o mesmo brilho que nós dois tínhamos há vinte anos atrás e que eu espero ainda ter. Vejo-os autografando seus livros e sorrindo de felicidade, abraçando um leitor, que até então era desconhecido, como um velho amigo.

69

E digo mais, cada gesto, cada olhar de gratidão que por parte deles se dirige a mim, eu os envio a você, aí onde estiver, assistindo a este jogo incrível que é a vida, que nunca pára e me impulsiona para a frente. Sempre.

Rádios, jornais, revistas, sites, televisão... todos eles estiveram aqui e nos entrevistaram, filmaram, parabenizaram, aplaudiram e incentivaram.

É, Alê, acho que viramos GENTE GRANDE. Depois de tão longa, árdua e compensadora jornada... Quem diria! E você nem aqui está, uma tristeza que



Viver: um jogo perigoso

infelizmente carrego, mas, querida irmã, este sucesso também é seu, esta estrada pode não mais ser sua, mas você ainda faz parte dela.

Outras trilhas ainda hei de trilhar, novos caminhos desbravarei, mas estar aqui, hoje, põe-me sem palavras. Então, só me resta agradecer...

Dedicado a todos que indireta ou diretamente contribuíram para a participação da Editora In House na 20ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo; a toda a cidade e a população de Jundiaí; à imprensa local por todo o apoio; à Deus, por julgar-nos merecedores e permitir tal feito e a todos os nossos amigos escritores, razão do nosso existir.

Obrigado, do fundo do meu coração.

Márcio Martelli

Márcio Martelli



VIVERE

um jogo per jogo

Poesia



WWW

o3n9n9q o99o! nu

oiz9o9



Jogo perigoso

Cara
Face do medo
Arrepio
Sono sem fim
Telepatia
Contato contigo
Explicações
Você não entende
Eu me contenho
Mal, bem
Dois lados, cara e coroa
Modo de ser
Incertezas e desejos
Caminhos que levam
Mas não retornam
Face de aventura
Rei, rainha
Cabeça de vento
Coroa

73



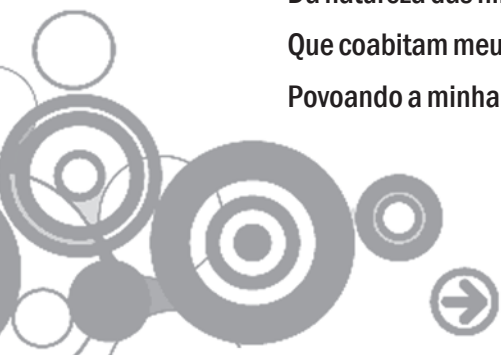
Essência

Levam embora tudo de mim:
A alegria, a dor, a mágoa, a felicidade
Deixam em mim um nada aparente
Uma estranha forma de ver o mundo
Que se apavora e não se cala

74

Levam consigo partes que não queria
A saudade, a lembrança, a recordação
E deixam uma falta de esperança
Que me consome quando paro e penso
Em tudo o que se passou

Levam e não trazem de volta
Não têm a decência, nem a delicadeza
Da natureza das ninfas e dos elfos
Que coabitam meu pensamento
Povoando a minha imaginação



Levam, simplesmente levam
Indecentemente tentando me atingir
Com flechas enfeitiçadas de cizânia
Que não me acertam, nem molestam
Abalam, mas não derrubam

Levam, tentam levar
E não sabem o que fazer com tanta beleza
Não entendem a inocência da minha essência:
Pura, honesta, ingênua até certo ponto
E deliciosamente maliciosa
nos momentos oportunos.

75



Poesia de uma noite só

76

Numa noite só sofro calado
E derramo pela folha do caderno
Versos desenfreados e soltos
Ao léu, ao céu, ao azul, ao mar
E enquanto escrevo
Repenso a vida e dispo-me de pudores
E embora calado aguento tudo
Rogo mentalmente aos céus
Uma explicação
E uma lança rasga a noite
Flamejante
Trazendo luz, trazendo esperança
Fazendo-me esquecer a dor

Márcio Martelli

Fazendo-me ver a claridade
Esquecendo-me dos senões
Nem querendo esclarecer os porquês
Sou curioso e mesmo assim, aquieto-me
O silêncio é a melhor resposta
E é ele que invade e toma forma
Sendo minha eterna companhia
Nesta noite solitária
Onde calado sofria
Mas que no momento
Faz-me transbordar de alegria



Ligados

Nosso segredo é uma concha
Largada na areia da praia
Após uma noite de mar revolto

Nosso desejo é uma ilha
Escondida no oceano do tempo
E lar de nossas eternas almas

Nosso reencontro é um passar
De cometa no céu terreno
Em meio ao nascer da aurora

Nossa vida é uma dádiva
Em forma de amor e alegria
Presente ofertado pelo Criador

Nosso amor é um incógnita
Com apenas duas variáveis:
Uma sou eu, a outra é você



Nosso tempo não tem hora
Seja dia aqui ou noite lá fora
Em plena madrugada vamos embora

Nosso tudo não é nada
E sendo nada transborda
Em forma de luz e nos leva
Ao infinito de um tempo
Onde nada nos pertence
Apenas nós a nós mesmos
E nada mais.

79



Doce Dadá

Uma homenagem
à Alessandra Pezzato

80

Em lágrimas vãs choro a sua partida
Nestes versos onde revelo em poesia
A sua ausência, presença querida
Na casa, no quarto, na sala, agora vazia

Descompassado fico com o ritmo da vida
Os afazeres, o trabalho e os livros
Sua parte, a minha e a luta diária
A esperança perdida, hoje, talvez, renovada

Procurei por você em todos os meus sonhos
E a encontrei, alma benfazeja
A despreocupar-me com carinhos e afagos
O meu coração ferido e magoado

Márcio Martelli



Por tantas vezes me perdi ao procurá-la
E suas mãos me salvaram
Do mais profundo abismo
Em que pretendia me ocultar

Hoje, mais brando, ouço a música
Que em meu ouvidos escuto a cantar
E sigo as notas e os versos ricos
O caminho límpido e certo a me indicar

81

Olho o mundo e mesmo sua ausência
Tornou-se presença marcante e necessária
Os meus dias, embora longos e cansativos
Agradeço a Deus, por todo o vivido



82

Restaram-me fotos, lembranças memoráveis
E suas filhas, obras-primas, miniaturas suas,
Relembra-me você a todo instante
E, por ora, cessa-me a saudade

Ainda iremos encontrarmo-nos
E juntos riremos da nossa sorte em Terra
Abraçaremos todos os que amamos
E caminharemos felizes por toda a vida eterna.



Márcio Martelli

Vontade de ficar

Quero deixar fluir
Quero ouvir a voz de Nana
Quero mergulhar no mar Caymmi
Subir as escadarias do Senhor do Bonfim
E comprar um patuá no terreiro do Gantois

83

Quero sentir a brisa do mar
A banhar-me no mar de Salvador
Deixando a alma leve
E ouvir o mundo criado pelo Senhor

Nada mais me importa
Nem o seu corpo junto ao meu
Nem se são dois para lá
Ou cinco para cá
Nem a canção de Bosco
Nem a Serra do Luar



Viver: um jogo perigoso

Eu quero ficar curtindo a noite
Estrela cadente pela madrugada
Sorrir de alegria ao luar
E me imaginar em qualquer lugar
Qualquer país, qualquer cidade
Deixar ficar assim um pouquinho
Só um pouquinho...
Ah... me deixa ficar!

84



Márcio Martelli

Outro eu

Tudo nada quer dizer
E eu não tenho nada pronto
Nem ao menos sei o que falar
Agora.

Agora é tarde e os alicerces
Foram abalados pelo temporal
Tenho frio e tenho medo
Acho que, da rejeição.
Preciso ser suficiente e só
Porque me entendo muito bem.

85

Quando ando pelas ruas
E mesmo até quando durmo intranquilo
Sou sempre eu mesmo nas estepes
Figura que marca e contagia
Não, não me esqueço de nada
Mas como eu queria esquecer
E apenas viver
Por viver.



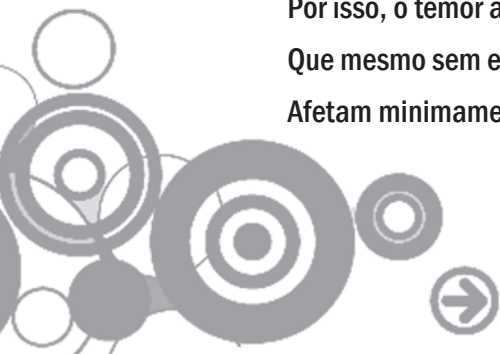
Alienados

Há de se temer a mente enlouquecida
Aquele que fura com os olhos
Os inocentes gestos de quem ama
Numa fúria insana e desmedida
Premeditando atos sem poupar os danos
Que irão acontecer à sua volta.

86

Ah, eu quero estar distante deste vandalismo
Se for possível habitar outro planeta
num sistema solar diferente
quando este sentimento desenfreado vier à tona
porque ele é demais humano
e pode arrastar junto de si
almas fracas, que cegas caminham ao seu lado.

Por isso, o temor a estes gestos
Que mesmo sem estar com eles pactuados
Afetam minimamente nossas vidas



Viver: um jogo perigoso

E podem crescer, gradualmente,
Se deles não nos soltarmos
E é complicado esse desenlace
Fé é necessário, amar é fato
Mas o primordial, diria, é perdoar
E passar por esse jogo de tolos
Incólume. Ignorando e crendo
Que a justiça tarda, mas não falha.

87

Márcio Martelli



Noite lusitana

88

Lembranças de uma tarde de Lisboa
O Castelo no alto do monte
A guerrear com as estrelas de Jorge
O Bairro Alto, o Chiado
A Praça Marquês de Pombal
Um Portugal moderno
Shoppings e mil lojas a cobiçar
E um Oceanário de causar inveja
Herança de uma Expo que fez história
E a noite, na Praça do Comércio
Nos monumentos, as estátuas
Com os fogos saudando o novo ano
Marcou minha vida
Inesquecível
O nascimento do Euro
O bacalhau do Porto
A saudade do Brasil
E todos que aqui ficaram a me esperar...

Ah!

Para Susana Ferretti

Ah! é o medo que me consome
e que me guia cego por entre ruas e avenidas
na mais profunda solidão da metrópole.

Ah! é a ansiedade que me põe inquieta
e me faz soluçar por questões erradas
desacreditando qualquer indício de felicidade.

89

Ah! e o que dizer da música
que embala minh' alma...
Que me põe embriagada e muda
sem nem poder dizer o seu nome.

Ah! eu que quis tanto,
que desejei tanto, sofri tanto
e que já nem sei mais de nada,
que já nem sei o que pensar...



Viver: um jogo perigoso

Ah! é a vida que me faz tola
e me embola em sua teia
de perguntas sem respostas
deixando-me enrijecida de tanto frio.

Ah! e eu sei que é tudo muito simples demais
e tenho que complicar com regras ortodoxas
o mais simples ficar ao seu lado.

90

Ah! e quando eu me perdoar
– sim, pois pedirei perdão a mim mesma –
sentirei a lança que machucava
meu peito se desprender.

Ah! e como serei livre: das injustiças, do temor,
da fala alheia, das verdades,
do pranto, do momento agora.
E serei já, somente já o que era
preciso ter sido ontem.

Márcio Martelli



Perguntas?

O que é que se diz a uma menina de quatro anos
Quando ela chora e se diz com saudades da mãe?
Será que temos de sentar com ela e falar a verdade?
Dizer que a mãe dela está morta
E que nunca mais ela irá vê-la e tê-la ao seu lado?
Será que alguém consegue
dizer isso a essa menina?
Será que alguém consegue fazer
com que as lágrimas
deixem de escorrer sobre a face?
E consegue fazer nela brotar
um riso de indiferença?
E fazer com que a vida prossiga normalmente
como se nada tivesse acontecido?
Eu não sei...

91



Viver: um jogo perigoso

92

Sei que um dia ouvi que sou nada
e concordo com o que disseram.

Realmente, eu não sou nada!

Porque se fosse, essa menina não estaria sem mãe,
nenhuma criança sentiria saudade,
nenhuma criança deixaria de ser criança
e nenhuma lágrima mais brotaria nas faces.

Concordo, eu não sou nada.

E não tenho como resolver algo insolúvel.

Tenho somente de aceitar.

Mas como? Se, homem que sou, não consigo...

Que dirá essa menina
com os seus quatro anos vividos,
faltando um pedaço
que o tempo jamais trará de volta?
Injustiça? Incompreensão?

Márcio Martelli

Talvez não existam palavras no mundo dos homens
que traduzam o que sinto.

E por mais que acredite na imortalidade,
por mais que saiba a Verdade,

por mais que siga as Leis,
o meu momento, por ora, é de tristeza.

A mesma tristeza que a menina sente:

a de não compreender o que se passa

e de achar que tudo é incoerente

e absolutamente sem sentido.

Por isso, eu choro!



Para Mercedes

Perante meus versos crus e sem formas
Ouso decifrar uma figura feminina e carismática
Talvez eu não consiga ou não esteja à altura
De tanta meiguice e benevolência nata

94

Oh, Mercedes, a que vieste neste mundo,
Tão repleto de ignorância e maldade?
Aqui não cabe a tua figura de proteção materna
Bondade, calor humano e caridade

Ah, que bom que te conheci em minha estrada
Quer bom ter podido contar com tua presença forte
Em um breve período desta minha estadia
Nesta vivência errante a que traçaste o norte



Acreditaste quando ninguém dava crédito,
Ajudaste estendendo a mão, ofertando amor,
Vislumbraste o futuro que hoje existe
E a ti, ofereço agradecimento e louvor.

Ainda tens muito a percorrer nesta vida
Tuas poesias, teus escritos, teu legado
Mercedes Cruaães Rinaldi, imortalizada estás
E a ti ofereço minha gratidão, o meu muito obrigado.



Súplica

96

Rogo aos céus,
Com o corpo prostrado em prece, um alento
Um pequeno sustento para essa era que padece
Da falta de carinho, calma e quietude
Deste tempo que velozmente corre sem pressa
Torturando almas e deixando atônitos
Filhos sem mãe que nada sabem, apenas vivem
Apenas sorriem se esquivando de erros
Maus caminhos e rotas tortuosas

Rogo aos céus um momento de paz
Para que todos possam pensar no mundo
Para que todos possam agir com a fé
Esquecendo de todo o egoísmo
Deixando que as folhas do outono forrem o chão
Da estrada arborizada
Elas nada pedem, apenas colorem a paisagem
Deleitando nossos olhos e fazendo brotar
No ventre da terra a semente de tudo

Rogo aos céus que todos possam ver e sentir
Que o mais importante seja observado
Que o inverno só dure o necessário
E que todas as missões se cumpram
E que no final do arco-íris o ouro transborde
Tal qual nascente de rio
Levando a todos a esperança
De que tempos melhores ainda hão de vir
E que nada foi em vão
Nem o amor, nem o perdão
E que a alegria reine soberana
E que tudo o mais se encaixe

97

Eu rogo aos céus...
E espero que alguém me ouça.



Ao acaso

98

Escrevo ao acaso
enquanto as pessoas passam,
observo seus modos,
suas vidas e a pressa
com que andam.
Elas correm com medo,
com o afã de chegar
a um local que sequer nome tem.
Nem tem data, sem endereço algum.
Elas apenas correm e
temem atrasadas chegarem
sem nem ao menos saberem onde.

Por isso escrevo ao acaso
tentando concluir idéias
que voam em meu pensamento,
flutuando como penas ao léu,
estourando como bolhas de sabão.
Eu tento captá-las e roubá-las.
Só para mim.
Enquanto as pessoas passam...
E eu, bobo e poeta que sou,
divago e imagino a vida
como uma grande brincadeira
ofertada a nós, meros participantes
desse jogo misterioso e sem final.



Dívidas

100

Tenho medo de escrever coisas
que metem medo
Intimidar é algo desastroso
Sinto que quem faz isso teme a própria sorte
Por isso tenho medo de dizer palavras podres
Cheirando fétidas mentiras
Coisas que saem da insanidade dos homens
Eu não quero ser assim
Nunca desejei a desforra
Apenas peço perdão
Por tudo o que fui
E pelo tanto que sou
Sei que não agrado a todos
E também sei que unanimidade
É algo ainda mais perigoso
Porque existe a mentira
E quando os homens mentem
A integridade evapora como bolhas de sabão
No ar

No mar
No lar
Em todo lugar
Eu quero apenas ser a notícia que todos leem
E antes de mais nada ser autêntico
Mesmo que isso fira alguns
Mesmo que me cause danos
Eu perdoo e peço perdão
Desentravo a vida
E corro atrás das imagens no sótão
Penumbra de minha vida
Lar da saudade
E não é fácil
Ninguém disse que seria
A minha fúria é santa
E a minha santidade é carma a ser pago
O preço foi alto
E a minha solidão é o meu refúgio



A pequena sereia

Para Pietra Pezzato

102

A menina ouve as histórias
Que guardei para ela
E enquanto se fascina com o som
E a fala das personagens
Mira o livro com as figuras encantadas
Para ela o mundo ainda é faz de conta
Não importam as perdas
Nem os ganhos a importunam
O que vale é o sorriso radiante
Quando se sente feliz e à vontade
O que realmente importa é estar
Ao lado de quem ela realmente
Tem certeza de que a amam
E que por ela, dariam tudo.

Márcio Martelli



Rostos

Os rostos me aparecem
Em qualquer lugar, a toda hora
No céu, no mar, no chão
No deserto, no azulejo
Na folhagem do vaso da varanda
Os rostos, às vezes, me assustam
Ora me alegram
Quando na noite aparecem
E nada mais há
A não ser rostos
Faces diversas que me revelam
O que de oculto há

103



Noite de Hotel

Cama desarrumada, quarto de hotel

Madrugada

Já é hora!

Abre e fecha janela

Acende e apaga a luz

No escuro pisca o interfone

Ouvir uma voz

Nem que seja da recepção

Cama desfeita, sede saciada

Saudades

E agora?

Corpo suado, satisfação

Onde está você?

E por que estou aqui

A procurar por você?

Cama pronta, café da manhã
Omeletes e sucos
Malas prontas, passagens na mão
Paris? Japão?
Lixo no lixo
Saudades do Brasil
No Ipod, Tom
Samba do avião
Minha alma repousa...

105



Sim, era você

O som que escuto é de nossa canção
Que fala sobre o que um dia
Pode fazer na vida de cada um de nós.
E foi num dia de outono que conheci você
E fez toda a diferença
Seu sorriso, seus olhos azuis
O seu “será que vai dar certo?” brilhando
Por sobre a sua frente.
O medo, a incerteza, o desejo
A vontade de ir e o freio puxado...
Que diferença faria tentar de novo?
Talvez aconteça agora
Talvez não.
E só há uma maneira de descobrir...
Deixando acontecer...
“what a difference a day made...”

Chicobuarqueizando

Acho que Chico tece a teia
Que fecha todas as ideias
De qualquer ser mortal
Que se arrisque a ser feliz.
Pudera ser Buarque e visitar
Amsterdam, viver na China, Budapeste
Falar a língua de todas as mulheres
Sentir na pele o beijo de Bárbara
E me arrepiar com o seu sorriso farto
E a barba áspera em meu corpo.
Holanda, Itália, Brasil
Lugares que me fascinam
Tal qual Chico quando me olha
Nos meus olhos
Tal qual a menina nua na cama
Que você seduz.

107



Amor não

108

Vou ignorar seus gestos
Não quero me revelar
Quero o lado obscuro
Quero as paixões ocultas
Quero sofrer por amar
Alguém que não me quer
E eu te quero
“Baby eu te amo, nem sei se te amo”



Márcio Martelli

Lembrança

Apenas andando eu estava
Pelas ruas, pelos bairros
Da cidade de Jequitibá
Entre milhares de árvores
E perfumes de flores misturados
Encontrei aberta a porta
Que levaria ao meu destino.

A porta levaria a você
Vestida de branco e rosa
A cultivar hortaliças no quintal.
Não se surpreendeu ao me ver
Acho que até me esperava
E com um sorriso
Para sempre me enfeitiçou.

Hoje, lembro das ruas, das flores
De perfumes entorpecentes
E de você que aqui não mais está
Mas que retorna à minha memória
Quando percorro as ruas de Jequitibá.

109



Viajar

Postais, imagens de além mar

Caribe, LA, Calcutá

Vontade de partir

De esperar alguém chegar

Imaginar um lugar

Telefonar a todo instante

Emails, torpedos

Outros ares

Colinas, montanhas, mares

Línguas e sotaques

Outras paisagens

Tudo num só local

Um álbum sem final

Retoques

Por-do-sol



Viver: um jogo perigoso

Beleza ímpar

Voltar!

Voltar?

Voltar...

Ao lugar de sempre

À mesma casa

Lar

Voltar, voltar!

E rever postais

Mensagens de além mar...

111

Márcio Martelli



Aos poucos

A moça na janela vê a vida
Passando sobre uma passarela
E eu não vou, mas você vai com ela
Num sopro do momento
No acender da chama da vela.

112

Vê que bela, ela diria certamente
A lua, as estrelas, a noite
E o coaxar dos sapos
Ecoando num sonoro refrão.

A vida que passa
A noite que esfria lentamente
O sono que chega
A madrugada que anda solta



O desejo da cama
Colchas e travesseiros
arrumados
A luz que se apaga
O luar pela janela aberta
Até que ela – a moça –
se levante
Cerrando a tramela.

113



Desejo

Espaços vazios
Documentos preenchidos
Modos de ver a vida
A casa esquecida
Lembrança indolor

114

Quando isso passa?
Quando isso cessa?
Quando eu vou poder olhar
Sem chorar
Sem me perder
Sem me consumir
Quando vou visitar o mundo
E quando o mundo vai me esquecer?

Viver: um jogo perigoso

Amizade tão distante
Medo de se entregar novamente
Medo de não ser
Eu que sempre fui
E que agora inexisto
E que agora rogo
Por paz
Somente por paz

115

Márcio Martelli



Ritual

116

Toda casa tem uma porta
Cada porta tem um trinco
Todo trinco tem uma chave
Toda chave tem um dono
E só ele abre
E fecha
Quando bem quiser
Quando bem entender
A qualquer hora
Sempre.

A sua chave abre a sua porta
E ela é única
Como única é a sua alma
O seu caminho
O seu entendimento

117

Abra a porta
Espie e entre
Passo por passo
E viva lentamente
Cada dia, cada momento
Até o alvorecer



Utopia

Se eu realmente fosse um escritor
tentaria escrever por linhas retas e diretas.
Nada de textos oblíquos, nada de duplo sentido.
Meus textos seriam orações afirmativas
Não teriam condicionais
Usaria verbos positivos
Que realmente dissessem
o que todos querem ouvir.
Esqueceria o amor, esqueceria a saudade,
Falaria da alegria que é viver
Só por viver
Sem se importar com nada, nem ninguém
Que tudo isso é bobagem.
Os homens nunca serão eternos
Nada é eterno
Escreveria sobre o sol

O mesmo sol que iluminou o renascimento
Que inspirou Michelângelo
E que hoje arde sobre todos nós.
Falaria da praia, da moça de biquini Rosa Chá
Da sunga Cavaleira e do futevôlei.
Nada tão bom, nada tão sem compromisso
E tudo seria simples
E o mundo sorriria.
Mas, tá aí, eu não sou escritor
Por isso só sei escrever sobre a dor
E sobre a dor,
Ninguém quer ler...



Desafogar

Dedicada aos “amigos”

Esqueço-me de tudo agora
Não passou de um leve fato
Pura bobagem de quem
Nada tem a fazer na vida

Esqueço-me de tudo e retiro
As facas que me foram enfiadas
Nesta mais ardil armadilha
Programada para fazer sofrer

Esqueço-me de tudo e choro
Cada lágrima representa uma dor
A dor de ser quem sou
Puramente e por si só

Esqueço-me de tudo e tento perdoar
Muito embora não seja fácil
Talvez o melhor a fazer seja seguir adiante
E evitar tropeçar nas lágrimas solidificadas

120

Márcio Martelli



Paciência

Eu não posso me calar

Nem gritar por socorro

As velas estão içadas

E os barcos navegam

À deriva no oceano

De nossas vidas

121

Não posso avisar

Nem sinalizar

É preciso que o tempo certo

Direcione e aponte

Para o cais



E até que chegue
Vou me entupir de afazeres
E, como Penélope, vou tecer a vida
Reprogramar-me
 Pois na hora precisa
 Mirarei o cais e para lá
 Correrei insana, enlouquecida,
 E atracar-me-ei em seu corpo
Como que compensando a falta
E selarei nosso pacto
Num único e longo beijo de amor

Tá chovendo!

Tarde de chuva
Vontade que dá de dormir
E ficar na paz
Curtindo o ploc ploc
Batendo no telhado
E, vez ou outra,
Esconder-se debaixo
Do edredom
Como que a espantar
Um raio ou trovão

123

Tarde de chuva
Tanto que fazer, que ler
Que trabalhar
E o corpo num molejo só
Sonhando acordado
Com a cama quente
Um bom filme na tevê
Um chá mate fervendo
E bolinhos de pingar na colher



Viver: um jogo perigoso

Tarde de chuva
Com calor de verão
Tempo de pés no chão
Percorrer o pátio do prédio
E se molhar devagarinho
Primeiro os pés
Depois o corpo
Correr sem parar
E num pé só voltar para casa
Tomar banho quente
E ficar sossegado

Noite de chuva
Delícia de sono
Música que embala a todos
E o cheiro suave do molhado
O cheiro da chuva
Que jamais esquecerei
Os olhos fechando
E a noite lá fora
Tomando o seu banho feliz

124

Márcio Martelli

Equivocado

Agora estou pronto, mas para quê?

Agora estou solto, vou para onde?

Eu agora estou insano

E tornei-me profano

Ateu

E aos apelos meus

Não escutam

Os ouvidos seus.

Embora declare-me pronto

Não tenho a força necessária,

Tenho o pano e tenho a linha

Falta-me a agulha.

E o fogo arde

E o temporal aproxima-se,

Escondendo-me.

A única sensação que me resta

É o medo

Sinto-me só e tenho frio

Estou perdido e peço socorro

Salve-me, meu Deus!

E a luz se apresenta!

125



Por você

Vem, não pense que só existe a paz
no calor dos braços teus...

Tem amor demais nos meus braços,
no meu corpo, na minha vida,
na minha alma doída e ferida
que se esconde ante o entardecer.

Vem, não faça de mim
um moleque que apenas obedece
aos desejos teus e tuas súplicas...

Tem vigor demais em mim
que arde e clama pela chama
que queima e inflama minha vida.

Vem e te esqueças de quem tu és
que eu já me esqueci de mim mesmo
quando te vi ali, no meio do mundo
a clamar por mim, a suplicar por mim
e a entender que nada somos
meros participantes, coadjuvantes
desta nau desenfreada e sem rumo.

127

Vem, mais uma vez: vem!
E me traga a dor, o amor, o calor,
o fervor, a saudade, a vontade...
Que eu vou gritar de desejo
e bradar para quem quiser ouvir
que te amo e te quero e jamais ousei
imaginar a minha vida sem ti.



Quando

Quando sussurro

Que quero sim

Meu corpo se abre

Os poros se aquecem

O beijo me entorpece

Estremeço

Sou mil e um

Só não sou aquele

Que seus olhos veem

Estou em outro lugar

Basta procurar

E me encontrar

Apenas quando

Sussurro

Que quero sim!

128

Márcio Martelli

Desejo II

Beijando sua boca: quente
Deixando-me levar: instante
Momento em que desfaleço: inerte
E que me entrego de alma e corpo: completo
Embriagado como nunca: entonteço
E me dispo de todas as palavras: nu
Sem medo, sem vergonha, sem nada: entregue
Aninho-me em seu corpo: enlouqueço
Sexo

129



Um beijo

Seu beijo que me permite sonhar
Eleva-me a mundos
Onde voou sobre árvores
E pés de morango.

130

Seu beijo transcende
Inebria
E só, viro multidão
E em meio a multidão
Estou só
Com seu beijo
Que não consigo esquecer.

Nem pensar

Tenho plena consciência
de que tudo pode ser mudado
E nem por isso, mudo em mim,
o que me desagrada.
Eu não mudo por pura teimosia taurina
Porque sou mesmo assim:
arredio por natureza.
Mas tento e transformo
as pessoas à minha volta
pois elas assim o permitem.
Eu não intimido ninguém
Nem chantageio
Elas veem em mim algo
que eu nem mesmo sei se tenho.
E confiam, até diria, cegamente
E não posso desapontá-las
Talvez eu mude um pouquinho
Um pouco só, somente para provar

131



Viver: um jogo perigoso

que não sou irreduzível.
Mas até nesta mudança
minha teimosia é presente,
Mudo o que não tem importância
O que talvez nem precisasse ser mudado
E tenho a plena consciência
de que todos ficam felizes desse modo
Sou um grande preguiçoso...

132



Márcio Martelli

Filmando

Era um filme
E cada take era mentira
Quadro por quadro
Flashes de você
Zoom, planos diferentes
Paisagens, sobrenatural

133

Era um filme
Não tinha chave
Nem solução
Fim do mundo
Nova era
Madrugada
Luzes, cenas, ação



Era um filme
E mesmo assim
Achei que fosse verdade
E acreditei
Sem tirar
Nem por
E era um filme...
Pobre de mim.

Destino

Então, onde começa e onde termina?
Qual caminho devo seguir
se a cada dia muda-se a rotina?
Posso imaginar um novo destino
e tentar velejar por outros mares e rotas
neste mundo distinto.
E se devo ou não prosseguir
Se acredito que posso mudar ou não
Isso é outra história.

135

A direção é certa, as curvas são muitas
Mas a persistência é a chave
Que abre tudo.
Onde começa: em você!
Onde termina: na hora certa!



Na rua, no trânsito, na capital

136

Vi as pipas singrando o céu da cidade
Vi os carros parados em fila aguardando o sinal
Vi o prédio em reconstrução
E vi o seu olhar por sobre isso tudo

Vi um horizonte de edifícios imponentes
Altos e rígidos tentando cutucar as nuvens
Que no meu imaginário eram feitas de algodão
Vi o transeunte vendendo tudo o que podia
Vi o menino malabarista deixar a bolinha cair
Mas não vi o seu carro, sua sombra,
nem a sua aprovação

Nisso, ouvi a música invadir o carro
Senti o Carnaval tomando posse
de todos os cantos
E na minha vida já não é Carnaval há tempos
No entanto, deixei a folia chegar perto
E, num piscar de olhos, acordei na multidão
E lentamente voltei ao trânsito
À rotina, ao meu luto e à saudade
que sempre sentirei de você.

137



Sob os véus

Quando olho para elas
Tento sentir e emanar o amor
Que de você sairia
Para protegê-las e prepará-las
Para a vida que as espera neste mundo.

138

É quando as vejo descobrindo coisas
Que meus olhos marejam de saudade
Pois tento ser como você seria para elas
A fim de que não se sintam sozinhas
Para trilharem sua estrada com segurança.

As primeiras falas, as primeiras letras
As birras, as manhas e as teimosias
Passo por isso dolorosamente
Mas somente eu sei o que sinto por dentro
Pois externamente sou um tio carinhoso
E orgulhoso de tudo o que fazem



Por muitas vezes me perguntei
Como é que tudo seria com a sua presença?
Será que elas seriam diferentes do que são?
Eu acredito que a vida as tornará fortes
E que maria-mole somente nós mesmos

Usando o seu olhar perdido
sob os véus do destino
Tento passar meu tempo com elas
Ensinando um pouco, do meu e do seu jeito,
Para que, quando, um dia, surgir a pergunta
Sobre você, eu possa afirmar convicto:

— Foi a melhor mãe que vocês puderam ter!



Vem

Vem falar comigo
Vem dizer-me coisas
Vem me entontecer
Com a tua extravagância
Deixar-me tonto, confuso
Atrapalhado
Sem ação nenhuma
Ao te ver passar
Deixa-me sonhar
Deixa-me voar pelo deserto
Correr os abismos do tempo
E acreditar
Principalmente acreditar
Que este pedaço de sonho
Escapou de nossa canção
Aquele que me assoviou ao ouvido
E me fez embalar
Num sono merecido
E muito acolhedor.

Foi passando

Para Clara e Pietra

Ah! tempo
Por que passou tão rápido
Ante meus olhos?
Ah! tempo
Dê-me um tempo maior
Para que me acostume com tudo
Com o silêncio das horas
Com a falta do riso
Com a sua ausência
E até mesmo com a vida
Ah! tempo
Eu fiquei pensando em tudo
E você foi se transformando
Foi crescendo
Meu Deus, como você cresceu!
E meus olhos custavam a acreditar
Que é você mesma
E que traz em si uma imensa alegria

141



Viver: um jogo perigoso

Ah! tempo
Pudera eu voltar e observar melhor
Viver melhor todos os seus dias
Todas as suas dores
Ah! tempo, obrigado!
Pela imortalidade do momento
E pelas cicatrizes necessárias
E, poupe-me, tempo,
De maiores decepções
E me permita
Ver a vida voltar a sorrir
E, mais ainda, que eu retribua
Com um farto e imenso
Sorriso de gratidão

142

Márcio Martelli

SF, como vai?

Eu corro demais... como na música do Rei.
Notícias se apresentam em velocidade alta
E eu não paro em faróis, nem no Pare
Eu prossigo, mesmo sem notícias
Mesmo sozinho ou acompanhado
Viajo, corro pelas ruas,
Leio emails nas horas vagas
Quão raras elas são
E vejo você a me pedir saudades
Saudades do simples
Saudades dos papos
Saudades de viver apenas por viver
Sabe, amiga, eu pretendia
escrever apenas um recado
Mas veio este poema
Feito para ti

143



Viver: um jogo perigoso

Estou agora lendo o seu
Claro que já gostei
E as notícias são boas
O sinal está verde
É momento de avançar
Deixa a vida acontecer
Solte as amarras
Deixe-se levar
O inverno vem chegando
E o friozinho de julho pode se antecipar
Aconchegue-se com os seus e aguarde...
Notícias minhas chegarão...
Os pássaros não de trazer...

144

Márcio Martelli

Preguiça da boa

Estou com um pouco de pressa
Não sei se é impaciência
Ou ansiedade
Só sei que tenho pressa
E preciso escrever, escrever, criar
Mostrar, ler, reler, refletir sobre tudo.
E preciso já!

145

Mas, eu tenho tanta preguiça...
Que parece que nasci baiano
Que em mim baixou Dorival
E quero somente olhar o mar
E descobrir sem ter de me levantar

Quanto à pressa...
Ela se cansou de esperar.



Uma ode à mulher

Há de ser mulher
E ter a doçura da mãe
Que acolhe o filho em seu ventre
E embala o rebento nos braços
Entoando uma canção de ninar.

Há de ser mulher
Bendito fruto da maternidade
Que com o seu carinho
Gera e molda o futuro
Defendendo com unhas e dentes
Sua prole, perfeita aos seus olhos.

Há de se mulher
E com todo o feitiço que possui
Fazer-se enamorada de outrem
E ser amada, idolatrada
Homenageada em verso
E prosa e em música
Para o mundo cantar

Há de ser mulher
E produzir obras e livros
Que cativarão a leitores
E se espalharão pelo mundo
Imortalizando-as
Livrando-as das fogueiras
Alçando-as ao posto que
Lhe é de direito

Há de ser mulher
E ser a mais perfeita tradução
Da beleza, dos sentimentos,
Dos modos, dos gestos,
Da candura e do afeto

E nós, homens que somos
Iremos nos curvar
E venerar
A quem foi dado esta dádiva
De imortal serenidade.

147



Tentação

Os livros enfileirados
lado a lado na estante
oferecem um convite
a quem quiser ou ousar
se aventurar:
– Leia-me!!!

148

Os olhos passam
por sobre os títulos
e parecem refestelarem-se.
Um ímpeto, um desejo:
o de devorar um a um
vagarosamente
e a súbita preguiça
de deitar na cama quente
e debaixo dos edredons
cochilar noite adentro.



Missão

Oculto sob a lágrima está a dor

A tristeza

O sentimentalismo

A saudade

O amor

A alegria

A vontade de esquecer

149

Oculto sob a lágrima está

A vontade de querer fugir daqui

E estar em um outro lugar

Um outro mundo

Em uma nova era



Viver: um jogo perigoso

Sob a lágrima está a espera
E também a esperança
Sobre todos nós paira a fé e a certeza
De que somos amados
E que a busca é de natureza divina
Que a lágrima derramada é um sonho
Uma missão realizada
A lágrima é uma semente de vida.

150



Márcio Martelli

Maio

Para Lisete Pecoraro

Só agora percebi que entramos em Touro
Será que isso explica essa minha preguiça?
Ou será que esse friozinho de araque
é o responsável pelas
intermináveis horas de sono?
Penso que o signo tem lá algo a ver com isso
E teimosamente recuso outra explicação.

151

Ah, é um mês tão gostoso...
Trinta e um dias fartos
Literalmente falando
Trabalho, dinheiro, comida
Luxo para poucos
Lixo para alguns.



Vou descansar sob uma árvore
Tomar uma coca e comer pipoca
Espreguiçar-me escandalosamente
Fazendo muito barulho

É o meu mês: maio
E todo mês de maio
Fico na maior...

152

“ Uh, eu você e só
Todo mês de maio
Na maior”

(“Todo mês de maio na maior”,
de Guilherme Arantes)

Bar

Num bar, à beira da avenida
Das ruas intranquilas
Bebo água, esquento-me com a vela
Belisco a oferenda
Não sem antes pedir licença
Ao onipresente Orixá
Guardião deste prato

153

Num bar, qualquer música
Qualquer som, me traz lembranças
Traz-me saudades dando-me alegria
Só de imaginar
Santos, o Porto, Algarve, Portugal



Num bar, sentado à mesa
Qualquer poesia escrevo
Para me sentir vivo, sagaz
Para que me traga luz, sabedoria
Quando o celular tocar
Dando-me notícias
De um mundo de lá
Que não sei se quero, se desejo
Por enquanto só me deixo levar
Descansar e nada mais...

Um aniversário feliz de verdade

Poderia ter passado em branco
Poderia ter sido apenas mais um dia a ser vivido
Como qualquer outro dia do mês de um ano
Que vivo e respiro cotidianamente
Mas não, ele foi diferente de todos os outros
Porque nele eu tive você
Que chegou de mansinho, com a sua mensagem
Desejando paz, felicidade e saúde
E transformou o meu dia
Pois, a certeza de ser querido por muitos
É a melhor sensação que se pode ter na vida
Muito obrigado!

155



Outras faces

156

Tem muitas partes de mim que desconheço,
outras que sei de cor.
Tem momentos meus em que sou minha própria es-
sência,
outros, um diabo em forma de gente.
Sou assim mesmo, disforme quando necessário.
Sou a gota de orvalho na flor da manhã
e o pingo de chuva que cai na sua pele morna.
Sou o que você vê e deseja,
mas também sou o inacessível cofre sem senha
que tanto teima em decifrar e abrir.
Não, não me abra, nem tente.
Pandora despertou fúrias indesejáveis ao fazer isso.
Eu não quero atrapalhar a sua vida,
nem fazer parte de nada.
Quero seguir em linhas sinuosas
por esta estrada que meu caminhar me leva.
Onde vou chegar?

Não tenho a mínima ideia.
Sei que tenho de andar, andar e andar...
O destino talvez um dia se apresente
e, quem sabe, com fé o alcanço.
Esta minha faceta conheço bem, a de persistir.
E permanentemente fico otimista,
achando que a busca não é insana.
Que o inverno foi feito para hibernar e dormir tranquilo,
pois na primavera as flores voltarão.
E eu, que perdi esta estação
devo regar atentamente o futuro.
Porque ele vai chegar.
E com ele, as alvíssaras de um tempo bom.
Tempo de colher.
E eu, que sempre plantei sementes,
deverei colher flores e frutos.
Pelo menos é que está previsto.
Que não seja já pois não é hora.
E que a hora se faça já, pois é o momento.
Assim espero, assim espero.
Deixa o tempo decidir...



158

Fugaz

Tentei, mais de uma vez, sentir
o aroma das flores
no jardim de minha casa
mas elas me negaram sem temor.

Quis surpreendê-las,
chegando de mansinho,
aproveitando o descaso de suas vidinhas
e sem causar nenhum furor.

Márcio Martelli



Porém, não consegui furtar-lhes
esse momento de alegria
Que achava que também
me pertencia e que até podia
arrebatar-lhes ou impor.

Foi então que aprendi que devia antes pedir,
apresentar-me, muito prazer,
pois só assim conseguiria
o tão almejado alvo aproveitar.

159

Respirar... aspirar...
Resistir e pensar
Para depois revelar em minha face
Um sorriso de rubor.



Fim de caso

160

Você me diz que vai sair

Tem medo!

Você me implora o perdão

Tem medo!

Você me diz que não se importa

Tem medo!

Eu digo que sou somente seu

Mentira!

E não me incomodam as suas faltas

Mentira!

Suas palavras vãs não me afligem

Mentira!

Você sabe que foi sempre assim

Tô cansado!

Você chora pelo passado

Tô cansado!

E na inexistência destas horas

Canso de esperar a sua volta!

E por mais que me revele

Verdade!

E por mais que clame em prece

Verdade!

Mais nos afastamos desta hora

Jamais esquecemos!

161

E nós, que sempre fomos

Inexistimos

Nós, que um dia sonhamos

Acordamos

Hoje, ao vermo-nos sós

Desejamos estar nos braços de outrem!

Acabou!



Minha casa

Sentado sobre um degrau
de uma pequena escada
fico escarafunchando a noite,
vendo estrelas e sentindo o leve frio
que o final de outono traz
para as nossas noites estreladas.
Prédios altos, barulho de talheres,
vozes de transeuntes;
tudo é motivo de poesia
que se materializa na folha de papel.
Um som indecifrável,
talvez o som da noite
que mistura tudo o que dela advém.

Folhas secas raspam sobre o chão de ardósia
e as árvores balançam num ballet desengonçado.
As luzes amarelas lembram velas,
grandes castiçais a iluminar
minha pequena passarela,
meu jardim de flores,
minha vista dessa sacada
defronte ao meu prédio.
Minha moradia fria por fora
mas com um imenso calor humano interno
que aquece até quem dela já foi embora.



Janela escancarada

164

Abro minha alma que se descortina cenário afora
Carros, aviões, terra, mar e céu
Tudo isso é pouco para ela
Que se aventura por mundos e mundos

Abro minha alma e revelo coisas que não queria
Um grito abafado e surdo de tanta timidez
Uma beleza escondida à revelia
Que não ousava mostrar a ninguém



Abro minha alma e canto com Roberta Flack
Matando suavemente os fantasmas do passado
E louvando as dádivas que irei colher
A cada dia que passo e vivo em silêncio

Abro minha alma e a solidão me chama
Diz-me que devo sair por aí, me arriscar
Que nada fica do jeito que está por muito tempo
E que tudo se modifica a cada minuto e segundo

Abro minha alma e a janela da vida se apresenta
Linda e indomável, desafiando-me a ousar
Dou um sorriso e enfrento a fera
E liberto-me de todas as amarras que,
um dia, tentaram me segurar.

165



Velhas caras modificadas

São rostos há muito conhecidos
Velhas caras modificadas pelo tempo
Pela vida e pelo empenho em sobreviver

166

São velhos amigos de viagens
Companheiros de histórias trilhadas
Nas curvas das estradas e por aí afora

São meus primos, meus amigos
Infância de beleza inesquecível
Que hoje retrato em poesia

São faces antigas emolduradas
Em ricas poses fabricadas
Onde nada se sabe, nem se pergunta



São gestos, ora nobres, ora esnobes
De quem não quer se revelar
E esquecem-se de que as marcas do tempo
Não conseguem jamais ficarem ocultas

São meus conhecidos, amores de verão
No outono de minha vida
E fazem parte de mim, de você que me lê
Fazem parte de nossa história
E nunca serão apagados

167



Estarão sempre lá todas as vezes
Que a vida nos chama
Para ver e contemplar

Aquilo de que fizemos parte um dia
Para que nos orgulhemos e
Quem sabe, consertarmos o que
Equivocado ficou
A vida é para isso, para acertar e errar
E, principalmente, reparar os erros

São meus primos
São meus amigos
Velhas faces queridas
Preservadas para sempre
No alvorecer de minha história.

É o tempo que passa

O culpado de tudo é o tempo
Que passa
Que leva tudo consigo e deixa as marcas
As rugas do destino
As vias de contramão
E as passagens com mão única

169

O culpado de tudo sou eu
Que não resisti a esse tempo
Que acreditei ser imortal
Quando na realidade
Meu frágil corpo revela
Que sou apenas farelo de pão
Jogado na toalha da mesa
E esquecido por todos



Viver: um jogo perigoso

170

O culpado de tudo é o tempo
Que não me contou que tudo era efêmero
Que nada iria ficar comigo
Que seriam apenas lembranças
De um tempo que passou

E como me lastimo por ter perdido
Boa parte da vida
Por acreditar que teria mais
Sempre mais
Mais amores, mais paixões
Mais vida, mais saúde
Mais dinheiro, mais vontade

E de quem é a culpa: é do tempo!
Que foi impiedoso
Que me trouxe a saudade quando na verdade
Eu queria sorrir
E a lágrima que escorre
Mostra o vazio de meu peito
O vazio de minha vida

Márcio Martelli



Ah, feliz daquele que o tempo já levou
Que habita outras orbes
Que transita em tempo contrário ao meu
Que não sente nostalgia
E nem se incomoda com mais nada daqui

Ah! Tempo culpado demais
Perdoa a minha ignorância e conserva-me menino
Perdido nos telhados da casa velha
Aquele mesma casa onde fui tão feliz
Nas noites longas de frio
No calor do verão
Onde sempre estávamos nós, todos nós

Tempo, não me deixa sonhar acordado
Tira essa culpa de minhas costas
A culpa de ter sobrevivido
A culpa de não ter culpa alguma
A culpa de achar que tudo está errado

171



Viver: um jogo perigoso

172

Ah! Tempo, perdoa-me
E leva-me na hora que for necessário
Deixa sim todas essas lembranças,
Alegrias e mágoas
Para lavar minha alma e purificar
A vida que vivi
Os sonhos que sonhei
Tudo o que realizei e o que não
E me perdoa por não ter sido capaz
Perdoa pelos amigos que não entenderam nada
Perdoa por não ter tido paciência para explicar
Perdoa tudo. Tudo!

E o culpado, Tempo, sou eu mesmo!
Por ter achado
Por ter suspeitado
Por ter levado sem nem sequer poder carregar
E me perdoa por insistir
Eu precisava
Eu preciso
Eu queria e quero
E desta vez, Tempo, espero acertar!

Márcio Martelli

Um novo final

Sempre imagino um final para tudo
Para este livro, imaginei um fim impactante
Livre de medos, de toda a sorte, sem destino
Imaginei-o profano, desafiando a todos
E o quis leve, dando bom dia e boa noite
Eu sou assim mesmo, tolo e provocador
Incessantemente romântico e sonhador
E acredito que o mundo ainda tem jeito
Creio nas pessoas até que me provem o contrário
E me decepçiono quando é comprovado
Mas nunca desisto de viver e lutar
Especialmente quando leio: a apresentação
Posfácio, orelhas e outros textos
Feitos especialmente para meu livro
Eu amo tudo isso e agradeço de coração
E um dia, espero poder provar
Que sou merecedor dessa vitória!

173



Posfácio

por Ana Cláudia Rêgo

174

Sempre achei que há uma trilha sonora para cada emoção vivida por Márcio. E quem o conhece, sabe como adora música, e o quanto ela se entrelaça com seus textos, com sua própria vida. Ele costuma escrever de tal maneira; livre, intenso, transparente, que é como se conversasse conosco. Às vezes, seu tom é arrebatador, confessional. Ele nos arrasta para um mundo de paixões, medos, alegrias e saudades, compartilhando conosco a beleza do encontro das palavras sentidas e escritas em tempo real. Por isso, Márcio tem uma maneira particular de escrever. Não se pode defini-lo apenas como poeta ou contador de histórias. Não há rigidez, tampouco fórmulas. Ele passeia livremente pelas palavras, em alguns momentos, mostrando a ferida aberta de forma admirável. Viver, ele sabe, é um jogo perigoso do qual não podemos fugir. Assim, ele se arrisca tentando traduzir o que sente, dando

Márcio Martelli

sentido ao que parece não ter. Essa é uma longa jornada para o escritor que se lamenta pela falta do tempo que não tem para escrever, mas que ainda assim é prolífero. Portanto, estejamos certos de que virão mais livros deste homem que vive a sua época; pulsante, perplexo, embora convicto das possíveis transformações geradas por algo que ele sente intensamente: “tem amor demais nos meus braços, no meu corpo, na minha vida, na minha alma doída e ferida que se esconde ante o entardecer”.



Sumário

Prosa

Inquietação na madrugada	15
De tanto amor	18
Apenas um saxofone	19
Breve	22
Elas, as musas	23
Inebriante	26
Era menino	28
Retrato de uma noite de domingo	29
Minha mãe	32
Mensagem	37
Vivo ou Um grito mudo	38
Vestígios	40
Passado	42
Ponto	45
Um gosto de sangue	47
Melancolicamente intranquilo, distante e feliz	49
Becão	52
Passagem	54
Voz	57
Mundos	59
Um ensaio sobre a cegueira	61
Gente grande	65

Poesia

Jogo perigoso	71
Essência	72
Poesia de uma noite só	74

Ligados	76
Doce Dadá	78
Vontade de ficar	81
Outro eu	83
Alienados	84
Noite lusitana	86
Ah!	87
Perguntas?	89
Para Mercedes	92
Súplica	94
Ao acaso	96
Dívidas	98
A pequena sereia	100
Rostos	101
Noite de Hotel	102
Sim, era você	104
Chicobuarqueando	105
Amor não	106
Lembrança	107
Viajar	108
Aos poucos	110
Desejo	112
Ritual	114
Utopia	116
Desafogar	118
Paciência	119
Ta chovendo!	121
Equivocado	123

Por você	124
Quando	126
Desejo II	127
Um beijo	128
Nem pensar	129
Filmando	131
Destino	133
Na rua, no trânsito, na capital	134
Sob os véus	136
Vem	138
Foi passando	139
SF, como vai?	144
Preguiça da boa	143
Uma ode à mulher	144
Tentação	146
Missão	147
Maio	149
Bar	151
Um aniversário feliz de verdade	153
Outras faces	154
Fugaz	156
Fim de caso	158
Minha casa	160
Janela escancarada	162
Velhas caras modificadas	164
É o tempo que passa	167
Um novo final	171

Sobre Viver: um jogo perigoso

Márcio Martelli escreve como caminha. Com largos passos, de quem anda por calçadas, ele vai descrevendo nas linhas seu percurso: "Apenas andando eu estava/ Pelas ruas, pelos bairros". Às vezes alça vôo pelo olhar: "Vi as pipas singrando o céu da cidade"; às vezes se faz astro fugidio: "Eu quero ficar curtindo a noite/Estrela cadente pela madrugada". Entretanto, a tônica deste livro, *Viver: um jogo perigoso*, encontra-se no tempo interior: "Nosso tempo não tem hora/Seja dia aqui ou noite lá fora".

Suas palavras expressam a emoção escondida no cotidiano: "Escrevo ao acaso/ enquanto pessoas passam"; e não disfarçam sua fascinação pela metrópole pós-moderna: "Vi um horizonte de edifícios imponentes". Contudo, ele não se esquece das hortênsias nem da cerejeira. Quando chega a inspiração, ela parece dominá-lo por completo naquele instante: "E derrama pela folha do caderno/Versos desenfreados e soltos".

Além de escritor e membro efetivo da Academia Jundiaiense de Letras, Márcio é publicitário e editor. Seu trabalho, cuidadoso e livre de preconceitos, dá continuidade à tradição de bons profissionais que contribuem com a difusão do livro em Jundiaí. Lannoy Dorin, certa vez, ao referir-se à dedicação de Márcio à série Antologias, da própria Editora In House, disse: – Ele nem sabe o quanto seu trabalho transcende o ser que é.

Assim é Márcio Martelli, um ser humano pleno de gratidão aos entes queridos e aos amigos leais, um batalhador incansável nesse mundo de transitoriedades e crises, uma pessoa sensível, que extravasa na escrita seus encantos e desencantos, acertos e desacertos do caminho, na esperança, quem sabe, de construir um mundo melhor.

A leitura de *Viver: um jogo perigoso* confirma isso. Vale a pena conferir!

Sônia Cintra

*Membro efetivo da União Brasileira de Escritores,
Academia Jundiaiense de Letras e
Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiaí*

Apoio cultural:



www.editorainhouse.com.br

